

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
CURSO DE JORNALISMO

ROBERTA MUSSATO

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO: LIVRO REPORTAGEM
ENTRE 4 PAREDES- RELATOS DE VIDA, LUTA E HUMANIDADE DE
MULHERES NA PROSTITUIÇÃO**

RIBEIRÃO PRETO - SP
2025

ROBERTA MUSSATO

**RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO: LIVRO REPORTAGEM
ENTRE 4 PAREDES- RELATOS DE VIDA, LUTA E HUMANIDADE DE
MULHERES NA PROSTITUIÇÃO**

Relatório de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado na Faculdade de
Jornalismo da Universidade de Ribeirão
Preto como requisito básico para a
conclusão do Curso de Jornalismo.
Orientadora: Profa. Me. Flávia Cortese
Martelli

RIBEIRÃO PRETO - SP

2025

RESUMO

O livro irá trazer a história de cinco mulheres, sendo três delas transexuais e duas delas cis gênero, que trabalham ou já trabalharam com a prostituição, sendo na rua ou pelo formato digital, através das famosas plataformas de conteúdo adulto, como o OnlyFans, que tem se tornado uma fonte de renda extra, ou até mesmo fonte principal, quando as pessoas se dedicam na divulgação desses conteúdos. Eles podem ser postados em aberto, ao público que paga a assinatura mensalmente, ou pode ser enviado no privado do assinante, cobrando um valor a mais pelo conteúdo exclusivo, podendo aumentar a renda. O intuito deste trabalho é dar voz a essas mulheres que vivem ou já viveram dessa profissão, sendo representadas por Gabriela, Adrieli, Nahdia, Sarah e Ester, que relataram suas histórias, por meio de entrevistas presenciais e online, revelando os motivos que as levaram a esse caminho, as dificuldades, angústias, medos e sucessos que já vivenciaram por meio desse trabalho. O trabalho também abordará assuntos que circundam a prostituição, como fetiches e preconceitos. A prostituição teve origem nas primeiras civilizações da Mesopotâmia, através da troca de sexo por mercadoria. Segundo historiadores, a demanda pela prostituição aumenta nos períodos de transição evolutiva, quando a população tem um crescimento significativo, como no Império Romano, no Japão em 1700 e na Europa em 1800. O legislador Sólon teria sido o primeiro a organizar a prostituição em uma casa pública. Na época, o trabalho sexual foi visto como uma solução para a promiscuidade dos homens. A representação social sobre a prostituta e sexualidade feminina é construída a partir dos elementos da cultura, da base econômica e material que produz a ideologia e normatiza os comportamentos sexuais. Com a chegada do cristianismo, a atividade sexual ganhou uma taxação de pecado, mudando a visão sobre o trabalho, porém, isso não foi o suficiente para o encerramento dos prostíbulos, tendo inclusive padres que bancavam alguns deles.

Palavras-chaves: prostituição; história; política.

ABSTRACT

The book will present the stories of five women—three of them transgender and two cisgender—who currently work or have previously worked in prostitution, whether on the streets or through digital means, such as popular adult-content platforms like OnlyFans. These platforms have increasingly become a source of extra income, or even a primary source of income for those who devote themselves to promoting such content. Posts may be made publicly for subscribers who pay monthly fees, or sent privately to individual subscribers for an additional charge for exclusive material, which can increase earnings. The purpose of this work is to give voice to these women who live or have lived from this profession, represented by Gabriela, Adrieli, Nahdia, Sarah, and Ester. They shared their stories through in-person and online interviews, revealing the reasons that led them down this path, as well as the difficulties, anxieties, fears, and successes they have experienced through this line of work. The book will also address topics that surround prostitution, such as fetishes and prejudice. Prostitution dates back to the earliest Mesopotamian civilizations, where sex was exchanged for goods. According to historians, the demand for prostitution increases during periods of evolutionary transition, when populations grow significantly, such as in the Roman Empire, in Japan in the 1700s, and in Europe in the 1800s. The legislator Solon is believed to have been the first to organize prostitution in a public house. At the time, sex work was seen as a solution to men's promiscuity. The social representation of prostitutes and female sexuality is built upon cultural elements and the economic and material foundations that produce ideology and regulate sexual behavior. With the arrival of Christianity, sexual activity came to be labeled as sinful, altering the perception of the practice; however, this was not enough to bring an end to brothels—some of which were even funded by priests.

Keywords: prostitution; history; politics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 LIVRO REPORTAGEM	11
2.1 Público-alvo.....	12
2.2 Leitores universitários e pesquisadores.....	12
2.3 Leitores interessados em direitos humanos e justiça social.....	13
2.4 Público geral com interesse em jornalismo narrativo.....	13
2.5 Entrevistados.....	13
3 DETALHAMENTO TÉCNICO.....	15
4 RELATOS DE PRODUÇÃO	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
APÊNDICES.....	21

1 INTRODUÇÃO

Quando os primeiros colonizadores chegaram ao Brasil vieram sem as suas famílias a fim de explorarem as terras. Como forma de se aproximarem dos indígenas e satisfazerem seus desejos sexuais e, quando engravidavam, se tornaram parentes dos indígenas, conseguindo ajuda deles para carregar o pau brasil para suas naus.

Por volta de 1641, muitas escravas usavam da prostituição para sustentar seus senhores, usavam trajes que chamavam a atenção e mostravam seu corpo. Em 1709, o rei de Portugal proibiu que elas usassem qualquer traje que pudesse incitar o pecado. A questão era que as prostitutas brancas dessa época se vestiam bem, mas tinham atitudes que desagradaram o governador da capitania de Minas Gerais, como frequentar a igreja, que por pouco não as expulsaram da cidade (ARAÚJO, 2009).

As primeiras casas de prostituição surgiram em meados do século XVIII, com a descoberta do ouro em Cuiabá. Durante o governo do capitão-geral Martim Lopes Lobo Saldanha, haviam inúmeras festas com a presença de prostitutas. Entretanto, neste mesmo século, haviam formas de punição para aqueles que descumpriam a ordem de isolamento social, fazendo as mulheres prostitutas e as adúlteras se tornarem elementos úteis, contribuindo para o povoamento de regiões desertas (FONSECA, 1982).

Na segunda metade do século XIX, a prostituição já estava localizada no Rio de Janeiro e em várias regiões dele. As casas de chope, cafeterias e concertos eram lugares frequentados pelas prostitutas, que eram trazidas pelos donos dos estabelecimentos para atrair mais clientes. Nos estabelecimentos mais elegantes da cidade, iam as chamadas “prostitutas de luxo”, mulheres com uma beleza acima dos padrões e que cobravam mais caro pelo seu trabalho.

A partir do surgimento dos prostíbulos, os brasileiros tiveram um novo conhecimento sexual, as diferentes práticas sexuais que os homens mais velhos faziam com as profissionais do sexo, não poderiam, em hipótese alguma serem utilizadas com as suas esposas, exceto os rapazes mais novos, que podiam saciar seus desejos sexuais com as cortesãs, para que pudessem aprender as práticas e passar para as suas futuras esposas.

Relatos sobre a presença de prostitutas nas ruas das cidades e, sobretudo, atuando de maneira direta ou indireta na esfera política em relações com agentes do Estado e da Igreja são conhecidos desde que existem cidades e suas instituições de controle e de concentração de poder. Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, a prostituição é considerada um tabu, tornando-se objeto de repressão e controle em vários países (DIAS, 2017).

Hoje, pelos cálculos, podem ao menos indicar montantes que chegam na atualidade, a mais de 40 milhões de pessoas se prostituindo. Destas, cerca de 75% são mulheres, a maioria entre 13 e 25 anos. Junto com esse número, podemos incluir que quando falamos de pessoas, também falamos de homens e crianças, além das mulheres (G1 MUNDO, 2012).

A prostituição representa a comercialização de relações sexuais entre pessoas adultas capazes, mediante livre e mútuo consentimento. Assim, para a sua caracterização é necessário que haja um consentimento válido, logo, sua falta, ou inexistência, imputa na exploração sexual (SENRA, 2013).

Os debates acerca dos gêneros, raça e classe social pertencente a prostituição gera uma discussão sobre as políticas públicas voltadas à essas pessoas, que são consideradas seres invisíveis aos olhos do Governo. A regulamentação da prostituição desenvolveu exatamente em 1980, momento no qual houve a difusão e o aprofundamento do tema no seio do feminismo nacional e na esfera pública ampla (CAMINHAS, 2020).

Logo após, na década 1990 as políticas públicas foram implementadas, inaugurando um período de incorporação de novos elementos, perspectivas e de sujeitos no debate sobre a prostituição e os direitos das pessoas que exerciam a atividade. A partir de 2002, a prostituição passou a ser reconhecida pelo Ministério do Trabalho, na categoria de trabalhos informais, porém os direitos trabalhistas não foram garantidos (AQUINO, 2010).

Hoje em dia, de acordo com o Código Penal, a prostituição não é um objeto presente no mesmo, sendo considerada assim um “comércio habitual do próprio corpo para satisfação sexual de indiscriminado número de pessoas” (DELMANTO, 1991).

O poder público, quase sempre motivado pelo discurso de higienização social, moral, eventualmente fecha locais de prostituição com o argumento de combate à criminalidade e à exploração sexual. Somado a isto, a falta de

regulamentação e/ou de políticas públicas direcionadas a este público acaba, justamente, deixando prostitutas em situação vulnerável, tendo seus direitos frequentemente violados. Pois, enquanto não é regulamentada, a atividade acaba sendo exposta à criminalidade e aos mais repugnantes abusos dos direitos fundamentais das prostitutas.

As zonas e os puteiros clandestinos são terreno propício para que prosperem, v.g., a venda de drogas, a exploração sexual de mulheres e crianças vítimas do tráfico humano, a exploração de sexo não-voluntário, a prática de toda sorte de violências contra as prostitutas (voluntárias ou não, traficadas ou não) e a estipulação de jornadas inumanas de trabalho. (SENRA, 2013, p. 299).

O processo para o meio de trabalho passa obrigatoriamente por uma qualificação, porém, nem todos têm o privilégio de ser aceito no mercado de trabalho, como pessoas LGBTQIAPN+, em especial, as travestis, que enfrentam as barreiras do preconceito desde a infância, desde o próprio ambiente familiar, até fora de casa.

O fator da discriminação leva, muitas vezes, o indivíduo a abandonar o ambiente escolar, se afastando de uma possível formação acadêmica, que a levaria para cargos formais, dessa forma, infelizmente acabam se aproximando da marginalidade e posteriormente, a prostituição (SILVA et al., 2021).

No Brasil, 90% das mulheres trans tem, como fonte de renda a prostituição, esse índice se dá pela falta de oportunidade no mercado de trabalho. Os dados são da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), publicado em 2018, e mostram ainda que, em média, pessoas desse grupo são expulsas de casa pelos pais aos 13 anos. Além disso, informações do Projeto Além do Arco-Íris/ AfroReggae apontam que apenas 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental.

Esse trabalho visa compreender o que é a prostituição, a história dela desde a antiguidade, as profissionais do ramo e suas histórias de vida, dentro de acertos e dificuldades, o preconceito, a exploração, vulnerabilidade e resistência.

Relatar a história da prostituição, vindo de pessoas que vivenciam ou já vivenciaram é importante para que todos tenham noção do que se trata o assunto, ajudando a contribuir para que, a invisibilidade deixe de ser algo constante no meio público e político, desmistificando a marginalização da profissão, que foi

estabelecido desde a antiguidade, influenciada pela religião, junto com seres de alto poder, que inflamava essa justificativa e excluíam essas pessoas da sociedade.

Na atualidade, esse estigma ainda pertence à essa classe de pessoa, porém foram inventados outros modos de trabalhar com a comercialização do próprio corpo, como a venda de conteúdos digitais, que são pessoas que criam uma conta em plataformas especializadas nesse conteúdo, e cobram uma taxa mensal para que quem quiser ver essas fotos ou vídeos possa assinar e assim, ter acesso.

Portanto, ouvir quem vive esse dilema no cotidiano, materializa a realidade de vida e também auxilia os profissionais que podem ajudar essa população a entender a problemática e criar soluções, como políticos na criação de políticas públicas, médicos na saúde íntima das mulheres e Organizações Não Governamentais (ONGs) que trabalhem na proteção dessas pessoas.

O objetivo geral desse trabalho é desmistificar o trabalho das profissionais do sexo, trazendo um olhar mais humano para a realidade delas, além disso, conhecer e relatar histórias de mulheres que trabalham na prostituição na cidade de Ribeirão Preto - SP, e a partir destes depoimentos locais, traçar um cenário da realidade da profissão.

Ademais, possui como objetivos específicos, conhecer quais as condições de trabalho que as profissionais do sexo possuem, relatar quais os aspectos sociais e econômicos que essas mulheres estão inseridas e compreender quais políticas públicas existem para dar assistência às mulheres.

Quanto a metodologia, na primeira etapa desta pesquisa foi utilizado o método de levantamento bibliográfico em artigos científicos, livros, portais para embasamento do tema que será desenvolvido neste trabalho. Também foi aplicado este método para o levantamento das informações sobre o produto midiático blog que foi o resultado desta pesquisa.

Duarte (2011), justifica o método de revisão bibliográfica, como “Procedimentos que visam identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento”.

Na segunda fase do trabalho, foi realizado uma pesquisa exploratória de campo para a realização de entrevistas com garotas de programa. Para essa fase foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, para que os depoimentos pudessem ser ampliados de acordo com cada entrevistada, pois, “Desta maneira, a resposta a

uma questão origina a pergunta seguinte uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente” (DUARTE, 2011).

As abordagens foram feitas junto a profissionais que trabalham na área da prostituição ou relacionados, como criadores de conteúdo digital +18, que são pessoas que alimentam redes específicas para esse tipo de conteúdo, como OnlyFans e Privacy, com vídeos e fotos com teor sexual, na intenção de saber a história delas dentro do ramo e fora dele também, para que se tenha o entendimento mais afundo de como essas pessoas garantem a sua renda, o que passam no dia a dia, dificuldades e prazeres, motivos pelos quais escolheram esse ramo.

2 LIVRO REPORTAGEM

Um livro-reportagem é uma obra jornalística que utiliza uma estrutura narrativa literária. Ele se diferencia das reportagens comuns pela profundidade na história que está sendo contada, independente de qual seja o tema, como por exemplo relatos de vida pessoal, uma história investigativa, de um fato, pela riqueza de detalhes e pelo tratamento mais elaborado do texto, permitindo ao jornalista explorar o tema com maior liberdade, podendo fazer a construção de personagens, cenários e enredos.

De acordo com Chaparro (2006), “os avanços da tecnologia e a rapidez da informação instigam o jornalista de hoje não apenas a narrar o que acontece, mas também a ser capaz de compreender e atribuir significados aos fatos.”

O principal objetivo de um livro-reportagem é levar a informação ao leitor de uma forma envolvente, baseada em fatos apurados tanto pelo autor, como retirados de fontes confiáveis. Essa forma de jornalismo é conhecida como jornalismo literário ou jornalismo narrativo. Identifica-se de quatro a cinco elementos constitutivos do jornalismo. Dentre eles, Fontcuberta (1999) destaca no discurso jornalístico tradicional cinco características: interesse público, periodicidade, novidade, atualidade e veracidade.

O livro-reportagem exige um trabalho intenso de apuração, incluindo entrevistas, pesquisa documental, observação direta e, muitas vezes, convivência prolongada com os personagens ou ambientes abordados. Apesar de ser usado uma narrativa literária, o livro não abre margens para invenções ou ficcionalização, todo conteúdo deve ser apurado e verificado.

Se há a defesa do livro-reportagem como peça jornalística, ele deve ter um processo produtivo com aproximação da rotina jornalística. Não cabe estabelecer a relação entre livro-reportagem e jornalismo, a partir dos conceitos de notícia e reportagem, propondo que o primeiro estaria num processo ampliado em relação ao segundo. Ao longo do presente texto elencou-se uma série de procedimentos e práticas que estão articuladas com os métodos encontrados na prática do jornalismo para a produção do livro-reportagem (Rocha; Xavier, 2013. p. 155)

O livro-reportagem é uma ferramenta para o jornalismo literário e possibilita a reflexão dos leitores e a produção de conteúdos que aliam qualidade narrativa e compromisso ético com a verdade. “A partir do pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real,

para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos.” (Rocha; Xavier, 2013).

2.1 PÚBLICO-ALVO

A definição do público-alvo é uma etapa que define para quem vai ser destinado o livro-reportagem, de acordo com o tema abordado, nesse caso, a prostituição. O direcionamento da obra orienta o escritor na narrativa, escolhas das estéticas, linguísticas e editoriais. Neste contexto, é necessário refletir sobre os possíveis perfis de leitores que se interessam por esse tipo de abordagem jornalística, bem como os objetivos que se pretende alcançar junto a esse público.

A prostituição é uma realidade social que gera debates em diferentes campos: moral, legal, econômico, cultural e de direitos humanos. Ao construir uma obra jornalística que trata desse universo, é preciso ir além do estigma para que seja mostrado o lado que ninguém conhece, a vida, no seu íntimo, da mulher que trabalha com o seu corpo. Assim, o livro-reportagem busca provocar reflexão, empatia e entendimento sobre as realidades vividas por pessoas que se encontram nesse contexto, com ênfase nas vozes dessas personagens, muitas vezes silenciadas.

2.2 LEITORES UNIVERSITÁRIOS E PESQUISADORES

O então trabalho tem como principal alvo estudantes e pesquisadores das áreas de Comunicação, Ciências Sociais, Psicologia, Direito e Serviço Social. Este público pode se embasar nesse objeto de estudo para uma reflexão crítica sobre o tema e podendo assim criar abordagens para a melhoria na qualidade de vida dessas mulheres. A abordagem jornalística, amparada em dados, entrevistas e narrativas reais, oferece um material para análises acadêmicas e debates em sala de aula.

2.3 LEITORES INTERESSADOS EM DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA SOCIAL

Leitores engajados em pautas sociais, especialmente aqueles ligados a movimentos de minorias como: feminismo, LGBTQIA+ e defensores dos direitos humanos. Esses leitores podem se sensibilizar com uma obra que tem a intenção de romper um estereótipo e humanizar essas mulheres que comumente são marginalizadas, trazendo um debate social e político sobre o papel do Estado e da sociedade sobre essas pessoas.

2.4 PÚBLICO GERAL COM INTERESSE EM JORNALISMO NARRATIVO

Este livro também é dedicado ao grupo de pessoas que apenas apreciam o jornalismo narrativo, com histórias reais. Para esse público, visto que este trabalho é publicado de forma acessível e com uma linguagem fácil de ser interpretada e seja informativa. É fundamental equilibrar a linguagem literária com o rigor jornalístico, despertando o interesse sem sensacionalismo.

2.5 ENTREVISTADOS

Adrieli Pupin Lamas, 30 anos - Adrieli ganha o nome fictício de Samantha, onde a escritora conta a sua história em um contexto de prostituição com o fim de sustentar sua casa. Ela conta seus medos e anseios, que giram em torno do fato dela ser casada e se vender para um amigo próximo do marido. Os encontros acontecem semanalmente. Atualmente, ela tem um trabalho paralelo em uma loja de ração.

Gabriela Alves, 35 anos - Gabriela, que ganha o nome fictício de Valentina, tem sua história contada de como ela se descobriu uma mulher transexual, a relação que a transição tem com a prostituição e como foi sua vida durante esse período. Hoje ela é concursada pública na área de Assistência Social, na Prefeitura de Monte Alto.

Nahdia Aparecida, 50 anos - Nahdia traz sua história, ganhando o nome fictício de Luiza, uma mulher trans que começou na prostituição na intenção de ganhar seu dinheiro após várias tentativas frustradas de entrar para o mercado de trabalho. Aos

23 anos atendeu seu primeiro cliente e continuou com essa profissão até os seus 45 anos, quando conseguiu passar no concurso público pela Prefeitura de Monte Alto.

Sarah Muller - Influenciadora, escritora, jornalista, e estudante de psicologia, Sarah trabalha como acompanhante de luxo e também possui uma conta na plataforma de conteúdo adulto, Only Fans. Ela conta a motivação de quando começou a ser profissional do sexo, e algumas histórias que cruzou seu caminho durante a sua trajetória.

Celita Garcia - Celita é uma mulher cega que vive da prostituição para alimentar seus vícios em álcool e drogas. O relato traz algumas histórias que fizeram ela ganhar e perder dinheiro, seu período como cárcere após ser condenada a nove anos por furto, a perda precoce de seu filho de sete meses, relacionamentos amorosos e decepções. Atualmente, Celita mora com a sua mãe, não possui um emprego e ainda se encontra imersa no mesmo mundo.

3 DETALHAMENTO TÉCNICO

O livro em questão com o nome ainda não definido de “As meninas da rua”, sendo composto por 5 capítulos, sendo eles o primeiro capítulo sobre dados históricos sobre a prostituição, fetiches, direitos referentes aos profissionais do sexo e sobre saúde.

O livro deverá conter fotos, que por hora, deverá ser autoral, de detalhes e ilustrações que possam remeter ao tema abordado, como um batom, um sapato de salto, produtos que elas usam para realizar os trabalhos (camisinhas, géis lubrificantes, objetos de higiene pessoal, lingerie, etc.) Todos os capítulos devem conter entre 5 a 8 páginas cada, contendo fotos que não revelem a identidade das mulheres, dados de pesquisas sobre o assunto e

A partir do segundo capítulo damos início aos relatos, sendo cada capítulo dedicado a uma mulher, contando as suas histórias, com ênfase na profissão, mas podendo conter vertentes da vida pessoal, que sejam interligadas a prostituição. Esse primeiro capítulo de relatos será narrado por Gabriela, uma mulher transexual, que narra toda sua trajetória de transição de gênero e sua ligação com a prostituição.

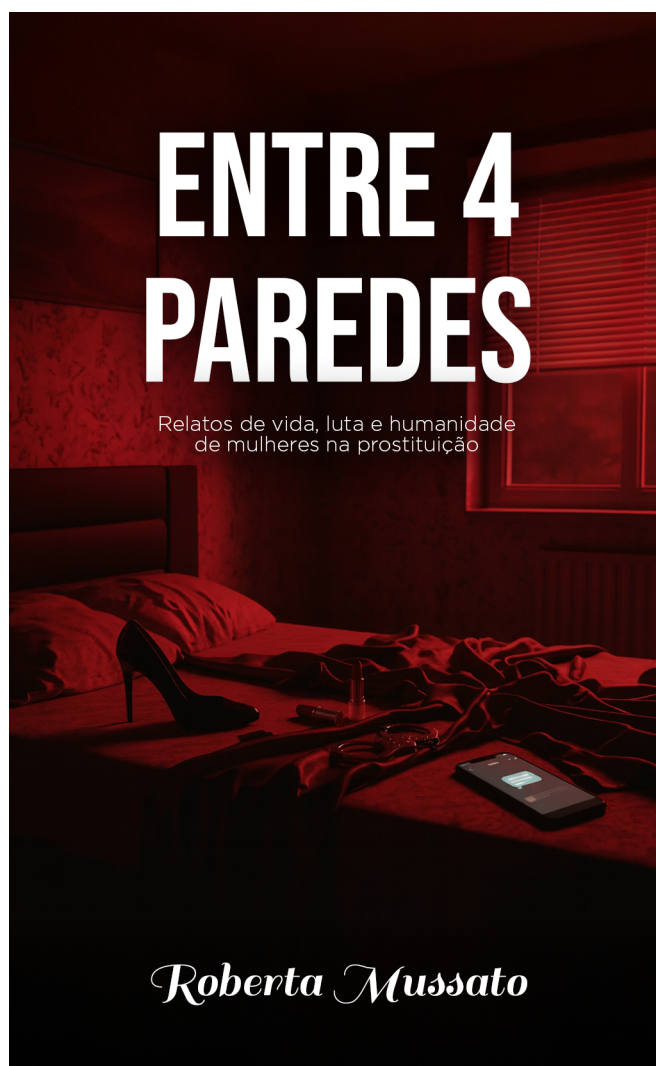
O terceiro capítulo será narrado pela Adrieli, uma mulher cis gênero, que viu na prostituição uma forma de se sustentar, após passar por dificuldades financeiras, depois que sua tia, que era quem a ajudava financeiramente, perder sua miniempresa de tecidos, por falta de dinheiro.

O quarto capítulo traz a história da Nahdia, mulher transexual, de 50 anos, que viveu da prostituição por mais de 20 anos, até se dedicar aos estudos e passar em concurso público na Prefeitura de Monte Alto.

No quinto capítulo que narra é a profissional Sarah, uma mulher que trabalha como acompanhante de luxo em Campinas, além de possuir uma conta no OnlyFans, onde ela alimenta a plataforma semanalmente. Ela também trabalha como escritora em seu blog, onde conta as histórias relacionadas ao seu trabalho e vida pessoal, é formada em jornalismo e cursa psicologia atualmente.

No sexto capítulo temos a história da Esther, uma mulher também transexual, que trabalha nas ruas de Monte Alto e região, transitando em algumas épocas

também por outras cidades. Ela conta todo o seu processo de transição, como foi para sua família, e como se manteve na prostituição.



Capa do livro reportagem: produto midiático

4 RELATOS DE PRODUÇÃO

Desde quando entrei para o curso de jornalismo, pude perceber algo em comum com os meus colegas de sala, que era a grande vontade de contar histórias. A minha em específico, era contar histórias que pessoas esquecidas na sociedade, sempre que pude, apoiei e acompanhei campanhas de causas das minorias, até porque, sou mulher e negra.

No começo a ideia nem era fazer um livro-reportagem, muito menos sobre prostituição. Eu tinha acabado de entrar em um emprego de que mexia com exportação e pensei em escrever dois artigos com o tema exportação de notícias brasileiras para o exterior. Confesso que não era um tema que me agradava por completo, eu gostava, mas nada como a sensação que eu tive quando surgiu a ideia de escrever um livro-reportagem, onde as protagonistas fossem mulheres.

A escolha do livro-reportagem se deu através da minha paixão por livros, e também porque foi uma maneira que eu encontrei de preservar a identidade delas, dar mais segurança a elas quando eu fosse apresentar meu trabalho, imaginei que um documentário, por exemplo, assustaria mais elas, pela presença de câmeras.

Não que a escolha do livro-reportagem tivesse facilitado o meu trabalho, tive muitas dificuldades em encontrar fontes que falassem sobre a prostituição sem medo, vergonha, então só fui conseguir uma quantidade de fontes suficientes para o livro no final de setembro, confesso que estava com muito medo de não conseguir, mas depois elas foram aparecendo naturalmente, e exatamente do jeito que eu imaginava, cada uma com um relato de vida diferente, inseridas em mundos completamente distintos. Da Sarah que vive sua vida de luxo, com presentes caros, viagens, a Celita, que eu nomeei de Ester no livro, quer conta sua trajetória da prostituição completamente ligada aos seus vícios em drogas e álcool.

O livro conta com cinco capítulos, sendo o primeiro contando a história de Gabriela, uma mulher transexual. Consegui chegar até ela através de uma amiga que conhecia ela dos corredores da Prefeitura, já que ambas trabalham lá, e pediu a ela encarecidamente para me conceder uma entrevista, contando seu passado na prostituição. Prontamente ela aceitou, já entrou em contato comigo e marcamos um almoço em um restaurante, onde tivemos uma conversa de quase duas horas, ela foi extremamente gentil, me contou toda a sua trajetória sem que eu precisasse ficar

fazendo perguntas, ficamos super a vontade uma com a outra. Logo ela também me passou o contato da Nahdia, uma amiga dela que também trabalhou muitos anos na prostituição e aceitou prontamente falar comigo, fomos a uma conveniência, tomamos um café, Nahdia já era um pouco mais tímida, porém conseguimos contornar isso e saiu uma entrevista bem legal, ela é uma mulher de muita resistência.

Adrieli e Celita são pessoas mais próximas a mim, porém a Adrieli foi uma grande surpresa, porque ninguém até então sabia que ela estava se prostituindo, e nossa conversa foi muito mais um desabafo da parte dela, Adrieli carrega muitas dores, angústias e aproveitou o nosso bate-papo para se aliviar um pouco.

Sarah eu conheci através das redes sociais, ela produz vídeos contando sobre a sua vida na prostituição e fora dela também, fizemos nossa entrevista via ligação de vídeo do whatsapp mesmo, já que atualmente ela reside em Campinas. Sarah já é muito comunicadora, tem fácil envolvimento com entrevistas, porque ela é formada em jornalismo, então tivemos um bate papo muito leve, cheio de risadas. Ela leva uma vida de alto padrão, bem diferente das outras histórias, então foi um choque de realidade bem forte comparando com os outros relatos.

Celita também já era uma conhecida minha, porém como ela possui o vício em entorpecentes, nem sempre ela se encontra em bons estados, então esperei um bom momento para conseguir essa conversa com ela, fui até a casa dela, onde fui muito bem recebida, ela é uma pessoa muito bem humorada, e fez tudo parecer muito fácil e simples, sem dramas, sem ressentimentos.

A escolha do nome do livro surgiu logo no começo dele, eu estava escrevendo e a frase Entre 4 paredes veio a minha mente e nunca mais saiu. O subtítulo e todos os nomes dos capítulos do livro eu devo total agradecimento a minha orientadora Flávia Martelli, que sugeriu eles com muito carinho e criatividade e eu logo aderi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as pesquisas bibliográficas, em artigos e livros realizados ao longo deste trabalho, pode-se compreender que mesmo a prostituição sendo uma prática realizada há tantos anos, os olhares nunca mudaram e o preconceito sempre esteve presente no passado até os dias atuais. Preconceito este que parte tanto de mulheres, quanto de homens, que as procuram para satisfazer fantasias sexuais e fetiches ou mesmo pelo simples fato de violentá-las.

Todo o levantamento histórico que foi feito é reafirmado com as entrevistas in loco realizadas durante a pesquisa com mulheres que se prostituem, confirmando a violência e o preconceito sofridos. O objetivo deste trabalho foi concluído com a realização de cinco entrevistas de mulheres, que trouxeram em seus relatos de vidas a prostituição sob diferentes olhares. O trabalho de pesquisa resultou em um livro reportagem, produto midiático da área do Jornalismo, que buscou trazer um pouco dessa realidade vivida por essas mulheres.

. O resultado das entrevistas revelou que enquanto umas mulheres afirmaram que sempre gostaram de trabalhar com sexo, outras disseram sentir repulsa por terem seguido na prostituição. O que foi observado também, é a quantidade de violência que elas são expostas diariamente, causando traumas que perduram durante anos. O que se notou ao analisar os diferentes relatos é que tanto a saúde física como a mental das mulheres entrevistadas é colocada de lado tanto por elas como pela sociedade de forma geral.

O livro reportagem não buscou trazer respostas prontas, ele faz parte da própria reflexão desta pesquisadora que iniciou o trabalho de forma instigante, mas também repleta de preconceitos. Entendeu-se que é muito mais sobre apenas estar, é sobre pertencer, algumas vezes por falta de escolha, outras vezes por se tratar de um ciclo social, onde cada mulher tem um propósito que precisa ser respeitado. “Entre 4 paredes” convida o leitor a conhecer esse mundo, pelo olhar dessas mulheres, onde cada leitor poderá fazer sua própria reflexão.

Desta forma, pretendeu-se com este trabalho jornalístico, revelar realidades que encontramos nas esquinas e vielas da cidade e que muitas vezes julgamos ou nem olhamos, mas que estão ali.

REFERÊNCIAS

AQUINO, P.S; XIMENES, L. B; PINHEIRO, A. K. B. **Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico.** Enfermagem em Foco, v. 1, n. 1, 2010.

ARAÚJO, E. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia.** In: PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CAMINHAS, L. **A regulamentação da prostituição é uma demanda por justiça?.** Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 35, n. 103, 2020. Disponível em: Acesso em: 23 nov. 2020.

DELMANTO, C. Código Penal Comentado e ampliado São Paulo: Renascer, 1991.

DIAS,L.B. **Uma reflexão crítica entre prostituição e políticas públicas no Brasil:** avanços, retrocessos e conjuntura sociopolítica. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rep/article/view/7001>. Acesso em: 06 mai. 2025.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. cap. 23, p. 364-380.

FONTCUBERTA, M. **A notícia:** pistas para compreender o mundo. Lisboa, Ed. Notícias, 1999.

G1 MUNDO, **Mais de 40 milhões de pessoas se prostituem no mundo, diz estudo.** São Paulo. 2012

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/mais-de-40-milhoes-se-prostituem-no-mundo-diz-estudo.html#:~:text=Relat%C3%B3rio%20de%20funda%C3%A7%C3%A3o%20francesa%20analisa,brasileiras%20%C3%A0%20Europa%20estaria%20aumentando.&text=Mais%20de%2040%20milh%C3%B5es%20de,luta%20contra%20a%20explora%C3%A7%C3%A3o%20sexual>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ROCHA, P.M, XAVIER, C. **O livro reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Ponta Grossa, volume 14, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434> . Acesso em: 5 mai. 2025.

SILVA, A.M.C, SANTOS, B.M.P, PARAGUASSU, E.R, PORO, I.R. MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE,. Várzea Grande.2021. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1457>. Acesso em: 20 jun. 2025)

SENRA, Márcio. **A prostituição no Brasil no século XXI: razões para sua regulamentação**. 2013. 407 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

APÊNDICES

DECUPAGENS

Gabriela (transcrição)

Gabi, só fala que você me permite gravar. Dou total permissão pra Roberta estar gravando essa conversa. Tá bom.

Obrigada. Senão eu vou processar ela e vou ganhar um milhão de reais em cima dela. Quando ela ficar famosa.

Eu comecei a minha transição... Tá, seguinte, conta primeiro sobre a sua transição. Da faixa dos 14 pra 15 anos. Eu nunca me identifiquei como uma pessoa, vamos falar nos nossos termos, gay. Porque eu não tinha atração por pessoas gays. Eu tinha atração por héteros. Ou como diz o correto cisgênero, né? Sim. A partir daí eu comecei a me entender melhor. Eu tive muitas amizades que eram trans bem mais antigas, né? Da época, né? E elas sempre falavam. Ah, você vai virar mulher, você vai virar mulher, você vai virar mulher. Só que eu sempre relutei, por quê? Eu sou de uma família estritamente evangélica. Hoje não mais, porque alguns são desviados, né? Mas... Uma pergunta, você enquanto gay, ele já é gay? Não tive problema. Não teve problema, tá. Inclusive, é até interessante falar que eu ajudei um amigo meu no TCC dele de psicologia, né? Que foi a respeito sobre a transição dentro das escolas, sobre o bullying, né? Ah, que legal. E perguntaram pra mim se eu havia sofrido algum preconceito nessa época. E eu disse que não. Se eu falar pra você, se você me perguntar, se eu falar Gabi, você sofreu algum preconceito algum dia? Ah, visivelmente não. Eu tenho um amigo, da faculdade também, que tá escrevendo um livro sobre homofobia no ambiente escolar. Eu acho que esse foi o tema. É. E aí, algumas entrevistas que ele fez, as pessoas falaram que, ah, não. O bullying, ele era assim, ah, um viadinho, e dava risada, e isso ofendia.

Sim.

Nem isso ou... Mas o que eu quero dizer é o seguinte. Que existia, assim, preconceito. Só que não era tão, não era toda essa vitimização que existe hoje. Oi, boneca. Ai, não faz essa cara, não. Gotosa. Vergonhosa. Que linda. Vergonhosa. Então, não existia toda essa victimização que existe hoje. E naquela época, teu amiguinho olhava pra você, ah, viadinho. Só que daqui cinco minutos, tava junto de novo. Entendeu? Então, aí voltando ao assunto. Pela minha família, quando eu me assumi homossexual, eu não sofri preconceito algum. Porque era nítido. Era notório, nunca incomum. Agora, quando eu decidi fazer a minha transição, de fato, enfrentar, encarar a sociedade, passar por tudo, em relação a aceitação pessoal, aceitação familiar, aceitação da sociedade. Eu não tive tanto problema também.

Porque por mais que minha família fosse totalmente evangélica, praticamente, eles me respeitavam. A sua decisão. Ponto.

Ponto. Entendeu? Quando eu coloquei minha prótese de silicone, aliás, voltando. Com 15 anos, já comecei, já iniciei o meu tratamento hormonal.

Por conta, que é o que a maioria de nós fazemos, né. Tanto é que chegou a um nível de quase me dar trombose cerebral. De tanto hormônio que eu tomava.

Bem, se você falar pra uma trans... Sem acompanhamento médico. Total. Se você falar pra uma pessoa trans, ó, isso faz bem pro teu rolinho, isso faz bem pro teu cabelo, isso faz bem pra pele, isso vai deixar você com um corpo bonito.

Vai tomar. E eu tomava. Eu fazia, assim, uma loucura.

E aí começou a aparecer peitinho, na época, né. E não tinha como esconder. Eu sempre fui uma pessoa que sempre foi viciada em roupa branca e tal.

E aí chegou um ponto que eu cheguei e falei para os meus pais. Falei para os meus pais, me apoiaram. Com medo do que eu ia passar lá fora.

Porque enquanto eu estava dentro da casa deles, eu estava segura. Fora de lá, não. Enfim, comecei a minha transição hormonal.

Já comecei a me travestir. Só que eu me travesti assim. De dia, eu vivia uma aparência masculina.

Masculina que eu não tinha nada. E à noite eu me travestia. Aí foi onde essas amigas minhas da época, que são pessoas trans mais antigas, né, me convidaram e me mostraram o mundo da transtituição.

Porque na época o ponto delas era ali no... Na antiga farmácia municipal. Próxima Secretaria de Assistência Social do Objetivo. Era ali que elas ficavam, né.

Aí eu fui o primeiro dia. Ganhei um dinheirinho que eu estava precisando, gostei. E como foi o seu primeiro experimento? Eu não sei te dizer.

Que era uma coisa muito nova. Mas eu senti medo. Mas eu senti medo.

O pior que não foi um homem. Foi o quê? Foi, tipo, uma pessoa. Um menino, tinha acho que completado 19 anos na época.

E eu era menor. Eu era menor de idade na época. Então sua transição foi menor de idade?

Minha transição foi menor de idade.

Entendi. Foi menor de idade. E aí... Foi com 16 anos que eu já fui pra rua.

Com 16 anos eu fui pra rua. Foi minha primeira vez. Aí eu saí com a primeira pessoa e, tipo assim, era, de fato, uma pessoa que me chamava atenção.

Era uma pessoa que eu achava muito bonita. Que eu tinha vontade de ficar. Com dinheiro.

Exatamente. Só que aí, depois, veio a pessoa mais velha, a pessoa casada. E aí aquilo, pra mim, foi assim.

Meu Deus, o que eu tô fazendo? Mas, vamos dizer, já que estamos nessa, vamos, né? E nessa primeira noite, você lembra quantos foram? Eu cheguei na noite, eu cheguei lá. Elas costumavam chegar cedo. Entre sete e meia, oito horas.

Como tinha essa questão de eu me travestir, então eu meio que ainda tinha uma vergonha de sair na rua e as pessoas me verem daquela forma. Mas era uma coisa que eu queria pra mim.

Eu me sentia assim, a Mulher Maravilha.

Andando em cima de um salto, colocando um vestidinho. Eu cheguei nessa noite, era umas nove e meia, quase dez horas. Que é um horário que não tem tanto movimento, principalmente de pessoas circulando a pé na rua, é mais carros, entendeu? E foi embora, era umas onze e meia, meia noite, por aí.

Nesse dia, eu lembro que eu saí com três pessoas. Duas pessoas foram no carro, no meio do mato. E uma no motel.

E aí, então, esse primeiro menino foi tranquilo. Foi tranquilo. O segundo, nem tanto.

O terceiro também foi mais tranquilo, que foi esse que foi pro motel. E é muito engraçado que naquela época, eram cobrados dez reais o oral, e vinte reais o oral e o anal. Era muito pouco dinheiro.

Muito pouco. Só que, tipo assim, ganhei sessenta reais. Praquela época... E quando você falou, vou fazer... O quê? Vou me prostituir.

A partir disso? Não, mas assim, a intenção foi ganhar dinheiro? Foi se sentir mulher? Não, ganhar dinheiro. Como todas as outras trans. A maioria que entra nessa vida é por conta do dinheiro, porque a gente não tem... Hoje sim, mas antes não tinha.

Não tinha essa abertura no mercado de trabalho. Eu trabalhava, na época, em loja, enquanto menininho. Eu só me travestia à noite, como eu falei. Então, foi mais pra ganhar o próprio mesmo. Porque eu tinha a minha vontade de colocar meu silicone, eu tinha a minha vontade de ter um cabelo grande, eu tinha vontade de fazer uma unha. Então, meus pais não iam me dar isso.

Então, eu precisava correr atrás daquilo que eu queria. Aí, depois desse dinheiro, foi passando.

Aí, como eu era novidade, eu fui o auge, na minha época.

Só que eu não tinha feito parte das outras, eu não era tão feminina como as outras, eu não me vestia tão sexualmente como as outras. E aí, foi lindo. Aí, eu fui pro meu segundo dia.

Hoje você tá longe. Não, hoje não. Hoje eu tô mais velha, né, meu amor? Eu venho 35 anos já,

né? Então, agarra.

E aí, foi lindo, foi lindo, foi lindo. Só que eu só saía de final de semana, na maioria das vezes. Aí, nisso, eu fui conseguindo juntar um dinheirinho, nisso, eu consegui comprar minhas primeiras calcinhas, comprar meus primeiros sutiãs, mesmo que eu não caísse no peito.

Eu usava, sabe aqueles umbrá que você coloca no seio pra ficar coladinho, pra você usar camisetinha branca? Eu colava seis, um em cima do outro. Aí, dava um volume, eu colocava no sutiã, e parecia uma prótese de silicone mesmo. Aí, logo depois, uma amiga minha, desse gênero, ela trocou a prótese de peito dela, porque deu um problema, e ela me deu as que ela usava antes, antes da troca.

Aí, eu colocava também. Aí, nossa, eu me sentia, você não tá em noção. E aí, foi indo.

E quando você conseguiu pôr o silicone? Então, aí eu vou chegar nessa parte. Aí, foi indo, eu continuei fazendo os programinhas, mas mesmo assim, eu continuava tendo uma vida diferente na parte do dia, né. E essa loja resolveu fechar.

Abriu falência e tal, e eu recebi meu acerto. E não foi um acerto pequeno, foi um acerto bom.

Aí, foi onde eu olhei pra minha mãe e falei, mãe, tá na hora.

Aí, nesse momento, minha mãe foi um pouco resistente. Pra saber se eu tinha certeza, porque... Seria uma cirurgia que ia mudar a minha vida. Mesmo a gente sabendo que se a gente se arrepender, a gente pode ir lá e tirar.

Mas era uma coisa que eu queria pra mim, né. Aí, eu fui lá com 18 anos. Não, com 18 não, mentira.

Tinha, eu acho que 20 pra 21 anos. Aí, eu fui lá e coloquei minha prótese silicone. Só que no dia... Eu me arrependi.

Eu entrei num desespero. Mas num desespero... Você se arrependeu. Eu tinha acabado de entrar dentro do hospital.

Eu entrei num desespero. Mas conseguiram me acalmar, foi realizada a cirurgia. Meu médico, na época, disse que foi... Ribeirão.

Meu médico, na época, disse que foi um dos peitos mais bonitos que ele já fez. Em relação a pessoas trans. Enfim.

Nossa, quando eu retornei pra cidade, que eu passei por todo pós-operatório, que tem que

ficar em casa, quietinha, bonitinha. No primeiro dia que eu pude sair, minha filha, eu pôs um decote. Meu sonho! Eu olhei e fiz assim, eu falei, não, hoje eu vou abalar Bangu.

Só que nesse meio tempo, elas já haviam aumentado um pouco o cachê. Só que como eu tava, como novidade novamente, porque eu tinha acabado de colocar peito, meu cabelo tava maior, enfim. Aí eu fui o alto novamente.

Só que aí eu já cobrava um pouco mais caro. Falei, ué, foi um investimento pra mim, né? Aí foi de 50 e 100 reais. Tá.

Aí eu já passei todos os dias. Por quê? Porque eu já não trabalhava mais. Não é... Eu não tinha uma renda, e eu precisava me manter.

Se manter, tá. E isso, sua família não sabia? O quê? Que você se prostituía. Desconfiavam, mas nunca ouviram da minha boca.

Desconfiavam. Tá. E aí a gente compartilhou a história com um homem, um homem casado.

Todo tipo, filha. Solteiro. Por quantos anos? Perdão.

Por quê? Com a prostituição? Eu tô há 12. Então, eu tô há 12 com meu marido, hoje. Não, vai pra 13.

Não, vai ser 12. 12 anos. Fiquei seis em Ribeirão, e tô seis aqui em Monte Alto.

Então, até... 2018. Final de 2018. E aí foi quando eu prestei o concurso da prefeitura.

Passei, entrei e abandonei. Só que chegou uma parte da minha vida que eu via que aquilo não era pra mim. No começo, é tudo uma maravilha.

É um mundo de fantasias. Porque você vai lá, você ganha dinheiro, você tá fazendo aquilo que você gosta. Porque pra você fazer isso, tem que gostar.

Tem que gostar muito de sexo, primeiro de tudo. Eu já fui diagnosticada com... Como fala? Com distúrbios de ninfomaníaca. Só que aí eu dei uma tirada na minha psicóloga.

Eu falei assim, meu bem, a ninfomaníaca, ela sai com qualquer pessoa pra se satisfazer. No meu caso, é por dinheiro. Entendeu? E aí, voltando aqui pra Monte Alto, continuei todos os dias.

Aí passei a ganhar bastante dinheiro e tal. Então, eu fui a febre na minha época. E aí, aconteceu o pior, né? Eu fui espancada aqui na cidade. Isso amando, amando de... de outras pessoas, que eu descobri quem eram, né? As outras pessoas que me mandaram fazer isso comigo, foram em viagem. Entendeu? Você é um áudio.

Eu era a mais bonita da época.

E eu peguei medo da cidade. E eu saí com todos os tipos de homem que você imaginava. Todos os tipos de gosto.

Todos os tipos de fetiche. Todos. E quanto mais louco? Você mais na hora, você falou, meu Deus, vou fazer isso.

Cada. Em cima da pessoa. E a pessoa, tipo, se... Só que isso não aconteceu aqui.

Quando eu fui embora pra Ribeirão Preto, logo que aconteceu esse incidente comigo, eu não conseguia ficar aqui, eu não tinha como me manter. Eu conheci uma trans lá de Ribeirão, que me apresentou pra uma cafetina de lá. E eu fui.

Como eu já era experiente nessa vida, eu acabei indo. Morava em um hotel, numa biboca. Hotel Chechelento.

Que tipo assim, as pessoas que me veem assim hoje, ou sempre me conheceram, diante das minhas vestimentas, de tudo, elas jamais iriam acreditar que eu teria me rebaixado a tanto.

Entendeu? Aí morava essa amiga minha. Inclusive eu perdi ela, né.

Ela foi assassinada. E... Ribeirão pra mim foi assim. O boom.

Que aí eu conquistei muito dinheiro, fiz todas as plásticas que eu precisava, na verdade só tenho três, né. Que eu fiz lá em Ribeirão. Quando eu saí de Monte, quando eu tava aqui em Monte Alto, eu tinha colocado o peito.

Quando eu fui pra Ribeirão, eu fiz plástica de nariz, e fiz o glúteo. Glúteo não, eu fiz o quadril, porque normalmente a pessoa que nasce... homem não tem quadril, né. Então eu fiz a parte do quadril.

E aí quando eu fui... Só que eu ia pra Ribeirão, eu ficava assim, uma semana voltava. Uma semana voltava. Eu não fiquei direto.

Só que aí eu percebi que de fato, Ribeirão Preto me deu, me abriu portas, me deu muito lucro, onde eu tomei uma decisão de me mudar pra lá. Que foi aí que eu fui conhecer o lado mais obscuro da prostituição. Eu trabalhei pra cafetina, eu ficava numa rua, que inclusive era uma das ruas mais requisitadas de Ribeirão, porque na classe transexual, ela é dividida.

Vamos supor, na época que eu fui pra São Paulo também. Mas São Paulo eu nem fui pra trabalhar nada. Eu fui pra passeio, um amigo morava lá na época, e ele foi me apresentar.

E aí eu acabei pegando a amizade com umas meninas trans lá, e lá em São Paulo é dividido.

Tem a Esquina das Europeias, que são as trans que ficam com seus belos carros, que viajam pra Europa duas vezes por ano, ou até moram lá e voltam só pra ficar uma temporada no Brasil. Aí tem a Rua das Patricinhas, a Rua das Patricinhas, que são as trans assim, tipo como eu, que eu fui aceita na época lá.

É a... como que eu chamava? Cafetina de lá... Lucia, não era Lucia. Lucia é daquele tipo de cabal.

Nossa, eu não vou lembrar o nome da Cafetina lá de São Paulo.

Ela falou que eu poderia ficar na Rua das Patricinhas, né. Pela questão de vestimentas, meninas que são muito... como falar... vaidosas, tal. Aí ia vai descendo até chegar nas craqueiras.

Entendeu? E Ribeirão era a mesma coisa, tipo, as pessoas que ficavam no centro eram das mais baixas, as pessoas que ficavam na Min Calil também, as pessoas que ficavam na Brasil piorou, e eu ficava acima da nove de julho, que era o patamar mais alto e elevado das trans de Ribeirão, tirando as trans que ficam no site, que são as trans sexuais acompanhantes de luxo. Mas eu até fiquei num ponto bom, só que eu morava num lugar horroroso, asqueroso. Na rua... não tem muito essa coisa, porque ali é você passar, transar, tchau.

Não, tinha aqueles que queriam, que pegavam e ficavam mais tempo no hotel, que queriam que você passasse a noite com eles, mas na rua era basicamente isso, era só sexo. E você dividia a Nau com preço ou não? Não, era um preço fixo pra todas. Era R\$50, aqui ainda era R\$20,10, aí depois eu subi pra R\$50,100, e lá já era R\$50,00 e R\$100,00.

Uma noite boa, eu atendia 10 clientes. Uma noite ruim, sim. Nunca, que eu fui pra rua, eu saí de lá sem nada.

Nunca não atendeu? Nunca fui sem atender alguém, nunca. Inclusive tem um cara lá, eu não vou falar o nome, mas ele é de uma das famílias mais tradicionais de Ribeirão Preto, e quando ele passava na rua, todas as trans ficavam enlouquecidas, e ele veio parar no pé de quem?

Nesse dia eu fiz minha plástica de nariz só com ele. Ele me deu R\$5.000,00 só pra ele cheirar.

Esse foi, eu acho que uma das únicas vezes que aconteceu alguma coisa mais assim. Nossa, sabe? Ele me deu R\$5.000,00 pra fazer companhia pra ele, não quis nem transar, pra fazer companhia pra ele no motel. Ele queria cheirar em cima do meu corpo inteiro, cheirar cocaína em cima do meu corpo inteiro, e quanto mais eu ficava com ele, mais o cachê aumentava, mais o cachê aumentava, até que chegou a R\$5.000,00. Ele me pagou nove em cima de nota, pra mim aquilo foi assim.

No outro dia eu já tava botando uma monte de alto, que se eu ficasse com aquele dinheiro lá, eu ia gastar tudo. Eu ia gastar tudo. Aí eu vim pra um monte de alto, coloquei numa conta que eu tinha, que minha mãe ficava com meu cartão na época.

Uhum. E aí eu tomei, um dia eu tomei a decisão, falei que eu quero morar em Ribeirão. Depois desse episódio.

Só que na verdade, esse episódio só acarretou devido ao que eu sofri aqui, né? Sim. O que euter apanhado e tal. E essa situação de você ter apanhado foi tipo assim, o cara chegou como um cliente, ou não? Te pegaram de surpresa? Chegaram ali, onde eu tava sentada sozinha, e começaram a me desferir os golpes.

Entendi. Você chegou a processar? Não fez nada. E era, sabe aquelas ripas da escada? Foi aquilo que eles me bateram.

Não porque a polícia não fez nada, aí eu acionei o outro lado, né? Acionei os irmãos e tal, que me roubaram, roubaram uma bolsa minha. E aí, por fim, acabou me esquecendo. Fui fazer esses corres em Ribeirão Preto.

E aí foi onde eu tomei a decisão. O Ribeirão é outra coisa, né? É outro obrigado. As pessoas acham, tipo assim, quem reside aqui em Monchaldo, que tem aquela, essa vida aqui, essa rotina, nossa, pegar uma pimenta boa aqui, que tem essa rotina de todo mundo conhecer todo mundo.

Acho que Ribeirão não vai ser diferente, mas é igual. Como qualquer outro lugar. Que hoje eu tô aqui conversando com você, dali a pouco eu descubro que você é amiga de uma amiga

minha, e assim vai.

E aí, minha mãe, que eu tenho conhecido daqui, que tinha um apartamento pra alocar lá, entrava em contato com ele, tal, não pra ser o criador, nada, e eu fui mudar pra Ribeirão. Só que a partir desse dia que eu falei não, hoje eu vou pra Ribeirão, eu desisti da rua. Eu falei não, eu preciso de mais.

Aí foi onde eu entrei no site de acompanhante. Aí é só, gente, não vai encalhar. Exatamente, que aí os cachês eram maiores, eram clientes assim, você podia escolher a dedo.

Por estarem pagando, você já se sentiu violada? De alguma forma, sim? Já, com certeza. Às vezes eles tentarem, e isso acontece com a maioria dos clientes. Eu tô entendendo isso porque é, numa dessas, eu fui várias vezes lá na baixada, em Ribeirão, e aí elas me falavam muito assim, virou de quatro, eu fui na mão, porque eles vão tirar a camisinha, por exemplo.

E nunca aconteceu esse tipo de coisa. Porque se eu quisesse ficar com essa camisinha, eu mesma ficava em ponto, como aconteceu várias vezes. Como aconteceu várias vezes.

No sentido da sua pergunta, quando a gente se sente violada, é eles querem exigir algo só porque eles estão me pagando. Entendeu? Só que não é bem assim. Não é porque você está me pagando que você manda em mim.

A gente deixava isso bem exigente. Tanto é que no meu anúncio, eu deixava tudo bem explicadinho, como funcionava, o que podia, o que não podia. Como é até hoje.

Hoje eu não me constuo mais. Mas eu fico com outros homens. Tem aquele homem que gosta de dar um tapa na bunda, dar um puxão de cabelo. E aí, pra mim, isso daí não é tesão. Isso, pra mim, é agressão. Você não está dando tesão pra pessoa.

Tem pessoas que tem, só que tem pessoas que não. E eu sou uma das pessoas que não gosto.

E aí? E aí? E aí? Você já pagou a minha? E aí? Inclusive, ela é casada com meu primo.

Torna-se minha prima. Mas eu chamo ela de tio e ele de tio. Porque ele foi criado pela minha avó.

A prima dela é trans também. Só que é bem mais nova. Só que ela não mora aqui.

Ela mora em Campinas. Ela precisou sair da barra da saia da família pra poder se transicionar.

Aí a história dela é completamente diferente da minha.

Ele não aceitou. Exato. E aí, nessa parte, eu acho que sim, existe a violação.

Só que tem um porém também. É como eu disse, tem as classes das pessoas trans, das mulheres trans. Uma pessoa que vai procurar alguém na baixada lá no Brasil, as meninas, tipo assim, não é um preconceito.

Não é, sei lá. Não, elas são baixo nível. Exato, entendeu? Então eles acham que eles podem fazer tudo com elas a hora que eles querem, quando eles querem, como eles querem.

Você pode ver que a maioria das vezes que passa por questão de mortalidade de pessoas trans de rua, olha os níveis. É muito difícil você ver uma trans europeia que mora na Europa, que tem um carro de luxo, ser morta, do que uma trans que fica numa esquina de baixada. Entendeu?

Sim.

E aí começou a aparecer mais clientes. Inclusive conheço meu marido fazendo. E ainda ele me aturou fazendo bastante tempo ainda.

E como que era pra ele? Como que era a relação de vocês? Normal. Ele enxergava como um trabalho. Ele enxergava como um trabalho.

E uma das histórias que eu ia contar inclusive é com ele também. Além de eu ter conhecido ele e a gente estar 12 anos juntos com aquele mano de São Paulo, ele tem o fetiche de ver a pessoa ele tem ejaculação precoce. E ele tem o fetiche de ver a pessoa de lingerie e coisa.

Tipo, ele não chega ao ato sexual. Às vezes ele me mandava um presente quando ele era meu cliente ainda. Ele me mandava um presente pra uma lingerie.

Ele me ligava. Ó, daqui 10 minutos eu tô chegando, põe aquela lingerie e me espera na porta.

Seu apartamento.

Eu chegava, na hora que ele me via, com a cadeira molhada inteirinha. Aí ele pagava, virava as costas e mora. E hoje eu... E tinha muito isso? Do cara pagar e querer... Muito. Conversar e fazer outras coisas. Muito. Nós éramos psicólogas deles.

Tem aqueles clientes que...

Adrieli (transcrição)

Começou quando eu perdi o voo, quando eu perdi o voo eu fiquei muito vulnerável. Aí eu trabalhava lá no São Luís, num frigorífico de linguiça. Aí essa pessoa veio e me propôs ajuda.

Me ajudou umas três, quatro vezes sem pedir que eu fizesse nada. Fui passando tempo, fui pensando em psiquiatra, psicóloga, terapia. E ele que pagava.

Ele é casado com uma neta de um prefeito de uma cidade próxima minha. Que é onde ele também mora, em Itacoatiara. E ele é muito amigo do Danilo, muito.

De levar o Danilo em lugares que o Danilo nunca sonhou ir. Em rodeios que o Danilo nunca sonhou ir. E daí ele começou a me fazer propostas.

Tá precisando de quanto? Se você me mandar uma foto, se você for comigo, eu vou te buscar. E eu não queria ir com ele. Um dia ele falou assim, quando a Tia Marcia perdeu a fábrica.

Eu tenho um barracão no sítio, onde cabem as máquinas. Vamos lá, pra você ver. Danilo falou assim, vai com o Rafaela pra você ver.

Danilo não viu maldade em nada. Mas ele tava vendo. Nisso ele me deu um copão, me deu dois copão, me deu três copão, quatro copão.

E na hora que eu vi, já tava acontecendo coisas que eu nunca imaginei na vida que fosse acontecer, Roberta. E toda vez que isso acontece, eu me sinto suja. Suja.

Que o Danilo falou assim, porque que você tá misturando queboa no sabonete? Porque eu achei a queboa me limpar. Eu tava devendo mil reais na casa da ração, Danilo foi mandado embora antes de mim. Eu vou ser mandada embora amanhã, que eu já fiquei sabendo.

Tô aqui sofrendo pra caralho. Porque o Danilo conseguiu outro serviço. Mas daí eu vou fazer o que da vida agora? Que eu pedi a conta do São Luís pra ajudar a Tia Marcia, deu toda essa merda, quando descobriu tudo.

Entrar no Boi Bom, tocar a mão machucada. E o cara só pede. Eu quero que você faça isso, te mando tanto.

Vamos sair comigo, eu te dou tanto. Hoje mesmo, Fih. Eu tive que ir pra ele me dar o dinheiro pra eu comprar ração dos cachorros.

Semana passada foi pra eu comprar coisa no mercado. A semana retrasada foi pra eu pagar água e força. Porque já tava pra cortar.

Já tive água e força cortada. Sei o que é passar sem água e sem força. Meu pai morreu, Roberto.

Eu tinha 13, 12 pra 13 anos. Com 14 já podia registrar na época. Sustentei meu pai.

Fiz a Camila se formar em duas faculdades. Pra muita gente da família, você pode perguntar, pô, e eu não prestava pra nada. Nada.

E muita gente falava, filho de peixe, peixinho é, vai ser bêbada, filho de peixe é puta, filho de bêbada é puta, isso a minha própria família falava. Escutava o meu tio André falando isso o tempo todo. Quando eu bati na tia Rose, foi pra defender meu avô e minha avó, porque eu não teria relado a mão nele se não fosse pra defender meu avô e minha avó pra bater na Rose.

Ela foi em cima primeiro da minha avó, depois ela foi em cima do meu avô, ele me pôs pra fora.

Eu entrei a primeira vez no frigorífico e o avô precisava fazer o reflorestamento. Eu tava guardando dinheiro pra ele não poder tirar a carta à vista.

Se eu não me lembro, eu tinha dois mil reais, era o que o avô precisava. Pra poder pagar o reflorestamento, e eu dei dinheiro pro avô. O avô chorando, eu pra mim, falou assim, e o Cê não precisa me dar esse dinheiro, o Cê não tem obrigação.

Tuas primas têm estudo, e eu formei todas elas, eu não formei o Cê. E elas não me ajudam em nada, mas eu ajudei de coração, eu não queria nada em troca. A falta do meu pai, eu sinto até hoje.

Cê sabe que é uma saudade.

Quando eu perdi o avô, eu perdi o chão. Não tinha mais ninguém por mim. Falei que eu tinha um homem para me defender, para me dar conselho, para me explicar.

Porque o avô me ensinou muita coisa. Então, assim, eu me senti perdida. Foi aonde o Rafael Paris entrou.

E de pouquinho em pouquinho ele foi entrando coisas em mim que eu nunca imaginei fazer na minha vida. Nunca. Eu me sinto uma puta, uma vagabunda, uma perdida, uma desviada.

Mas se eu não fizer, Roberta, eu não tenho dinheiro para nada.

Quando entrei na Via Nectar para trabalhar, eu conheci um moço, o Giovanni. Fazia pouco tempo, umas três semanas que ele estava separado da mulher. Tinha filho? Tem, né? Filho.

A gente ficou junto ao total. Ele casado e eu também, a gente separado e eu também, por cinco anos. Eu cheguei a passar um Natal com ele, estando com o Danilo, casada com o Danilo.

Mas daí não foi por dinheiro, foi porque eu achava que ele era o amor da minha vida. Quando, na realidade, ele era o amor da minha vida, mas ele não era o amor para a minha vida. Porque esse me tirava dinheiro, enquanto o outro dava, esse me tirava.

E do mesmo jeito eu me sentia suja, me sinto suja. Ele me procura até hoje, falando que me ama. Para mim, tomar uma atitude que ele me ama.

Quem ama não machuca. Você sabe disso. Roberto, quem ama não machuca, gente.

Não grita, não ofende, não usa droga. Quem ama, cuida. Quem ama, protege.

E falar também que o Danilo me ama é muito pouco, porque uma pessoa que deixa eu sozinha o tempo todo para ir atrás de amigos, rodeios, onde muitas vezes eu precisei ficar escondida embaixo de caminhão, de roda de caminhão, vendo ele beijar outras mulheres, sair de abraçado com outras mulheres de mão dada, com outras mulheres. Doeu também. Às vezes eu falo, ah, é tudo o que ele merece.

Eu não tenho quem falar essas coisas, de verdade, eu não tenho. Falei para o Ian, me senti muito mal. Eu nunca imaginei falar isso para um primo meu.

Tentando segurar tudo sozinha. Fiquei com muita vergonha.

Não, o Danilo vai no rodeio com ele, porque nós temos boi de ameia, né? Quando o Danilo vai pra leilão junto com eles, o Danilo apronta muita coisa e acaba até comprando as coisas lá. E eu só consigo dar dívida assim. Isso é uma noção? Até boi do Tercio e o Miranda já compraram os três juntos.

O Nando, o Gagnardi, o Fido Luiz, o Rafael Paris e o Danilo. Só que o Danilo não é herdeiro. O Danilo não tem nada.

Nem mãe direito o Danilo não tem, porque você não é minha mãe e o Danilo não tem mãe. E eu só consegui quitar a dívida do Danilo pro Tercio e o Miranda por conta disso.

Nahdia (transcrição)

Ah, mas sim. Ai você fala pra mim que você autoriza eu estar gravando o áudio. Eu autorizo, só isso? Só isso.

Está autorizado. Obrigada. Primeiramente vou te agradecer, muito, muito, muito obrigada por ter aceitado.

Eu que peço desculpa por... Imagina, não, eu que peço desculpa a encheção de saco. Parece que você estava relutando, não parece? Não. Parece que você estava relutando.

Eu que peço desculpa a encheção de saco. Ah, não, não é. Nossa, eu estou muito feliz mesmo. Quando... Açúcar, eu peço açúcar.

Quando eu comecei, quando eu conversei com a Gabi, ela falou pra mim, não, eu tenho uma amiga que tem muitas histórias pra te contar. Eu acho que vai ser muito legal. Falei, pelo amor de Deus, me passa o contato dela que eu vou precisar muito.

A ideia do livro, assim, quando eu decidi que eu ia fazer, não era, era num geral, eu queria trazer muito a história de mulheres trans, mas eu queria um geral, assim, sabe? Não só de mulheres trans, na intenção de mostrar um lado que eu acho que ninguém conhece mesmo, assim, sabe? Eu mesma, que eu mesma não conhecia. Você está participando do livro ou você está escrevendo o livro? Estou escrevendo o livro. Você está escrevendo o livro? Estou, estou escrevendo o livro.

Eu quero um exemplo maior. Com certeza, com certeza. Vou dar pra todas vocês.

Eu vou menesticar em alguma fala. Eu estou fazendo um caminho que vai ser... Eu coloquei a boca. Ah, é. Não, não tem problema, já deixei.

Então, a intenção é cada história ter um capítulo. Então, a sua história é um capítulo, a história da Gabi é outra, e assim a gente, assim é a construção do livro. Eu vou, é uma conversa mesmo, eu quero saber sobre a sua vida, e aí eu vou te perguntando, conforme for, tenho alguma dúvida, enfim.

Eu acho que é interessante a gente começar pela sua transição mesmo. Como foi o processo? Eu sou uma das mais, apesar de ter me assumido tardiamente, eu sou uma das mais antigas, vamos dizer assim. E a minha transição... Quando eu achava que eu era um gayzinho, um homossexualzinho, um viadinho, vamos dizer assim, eu não sabia, porque hoje é mais fácil você identificar uma trans.

A trans ela nasce, a trans ela já sabe, a gente pode ver que as meninas, a natureza já está ajudando elas. Vem sem barba, vem, não sabe, com um hormônio feminino mais acentuado. E na minha época era difícil.

E eu era muito tímida, eu nunca tinha, me soltava. Quantos anos, mais ou menos, você tinha quando você se entendeu como mulher? Foi uns 23, 24, mas eu não sei se eu estou certo, mas é mais ou menos isso. Eu acho que era melhor ficar lá dentro, mas tudo bem.

E eu comecei bem tardio. Quando você é trans, você olha para os homossexuais e fala, não, eu não sou isso, eu sou uma mulher. Trans é o nome que eles dão, porque na verdade, a trans ela é uma alma trocada no ser humano, uma alma de mulher no corpo de homem.

E você lutar contra isso é muito difícil, você não consegue. Se você lutar contra isso, é só acarretar a tristeza e daí você cai no mundo e pronto, fica ruim. Você entendeu? E como foi o processo mesmo, de você contar para as pessoas? Ouvi isso.

Na minha família eu nunca disse, mãe, eu sou gay, mãe, eu sou trans. Porque eu sempre fui delicadinha, sempre tomei hormônios escondidos da minha mãe. Sempre teve peitinho, essas coisas.

Mas eu nunca falei. E a mãe, mãe que eu amo, ela sabe. Ela sempre sabe do filho, desde pequenininho.

Minha mãe sabia, ela nunca dizia porque ela é de uma outra geração. Você viu, uma senhorinha hoje em dia, 94 anos, aceitar um filho, amor de mãe é muito forte. É, com certeza.

E aí, a relação com a prostituição, começou quando? Começou logo em seguida que eu comecei a tomar hormônios. As minhas amigas já faziam prostituição, eu só ia lá e ficava com elas, eu comecei a fazer também. Era aqui em Monte Alto? Foi aqui em Monte Alto.

No começo é divertido, né? Você é uma trans novinha que gosta de homens e os homens saem com você, então você se diverte, né? Como foi o primeiro cliente? Primeiro cliente? Você lembra assim? Lembra se foi bom, se não foi? O primeiro cliente eu não lembro, mas a primeira vez que eu perdi a virgindade, vamos dizer assim, foi péssima, foi horrível. Foi incômodo, foi horrível. E ele nem sabe que foi o primeiro.

Eles não sabem, com trans eles não sabem. E foi assim. Aí eu saía de noite assim, eu saía, eu achava que minha mãe não sabia.

Eu saía com uma roupa, aí eu pegava no meio de um mato, no meio de um mato, num lugar, eu trocava de roupa, colocava minha roupa escondida assim e ia. Mas a minha mãe sempre soube, sempre soube. Eu saía assim.

E a intenção? Ainda assim, pensando a Gabi, para mim a intenção dela era ganhar dinheiro para colocar silicone, para mudar a sua não. Minha intenção não era assim não, eu não pensava assim que nem ela. Eu até queria, mas naquela época, e agora pior ainda, a rua não dá muito dinheiro para quem fica no mesquinho, entendeu? Entendi.

E aí, você tinha algum trabalho paralelo a isso? Não, eu já trabalhei, já trabalhei. Você seria muito preconceito nessa cidade, você mandava currículo, você escondia, colocava boné, escondia o cabelo, escondia o peito, não tinha jeito. Até que eu fiz o que toda trans deve fazer, na minha opinião, que é fazer um curso público, que é isso que salva uma trans, nada mais salva.

Matéria de emprego, sabe? De preconceito, porque o que passa, eu falo para elas, o que passa é a sua prova, não é a sua cara. Depois que vê que vai, aí já é tarde demais, aí já está lá. Aí já está lá.

Não tem jeito. Não tem como. E aí, você teve algum momento de arrependimento, alguma coisa? Arrependimento? É, tipo, quando você começou... De fazer prostituição? É. Ah... Acho que não, viu? Não.

Arrependimento, não. Eu não tive nenhum. E sempre foi aqui em Monte Alto? Sempre fui aqui em Monte Alto, mas eu viajei muito para Marília, para Barú, para Ribeirão Pinto eu fui uma vez só.

Tinha vontade de ir para São Paulo, mas São Paulo eu nunca fui. Tinha vontade de ir para o exterior também, também nunca fui. Não tive oportunidade.

Mas arrependimento, não. Eu tenho... E sempre foi algo tranquilo para você? Eu falo... Teve uma moça que eu entrevistei. Ela é uma mulher cis.

Aí ela falou assim para mim... Vô, já teve vezes de eu lavar, me lavar com queboa. Assim, sabe? Umas coisas bem... Não, necessário. De fato, era algo que ela não gostava de fazer.

E eu gostava de fazer. Que ela fazia porque estava precisando mesmo. Ah, eu acho.

E isso nunca aconteceu. Esse tema da mulher cis fazer porque não tem outro jeito... Não que a vida é fácil, assim, mas eu acredito que a vida de uma mulher cis, para poder arrumar emprego é mais fácil que uma mulher trans. Aliás, essa menina trans não é muito... Não se parece tanto com uma menina assim, entendeu? Parece mais com um travesti do que uma menina mesmo.

E elas falarem isso eu acho muito controverso, sabe? Tem bastante questões. Problemas psicológicos, assim, sabe? Depressão... Ah, eu nunca tive depressão. Eu tenho agora um pouquinho de ansiedade.

Umas crises de ansiedade terríveis. Não me abandono. Mas fora isso... Então, por quantos anos até você prestar concurso você ficou? Eu comecei em dois mil e... vinte? Não, vamos colocar em dois mil e dezoito.

Dois mil e dezoito, não. Mil novecentos e noventa e oito. Até dois mil e... Dois mil e quatorze? Quantos anos, Daniela? Eu sou péssima de conta.

Também, fica à conta aí que eu também. Eu sou péssima de conta. Mil novecentos e noventa e oito.

Dois mil e quatorze menos mil novecentos e noventa e oito. É dois mil e quatorze. Ou não, não vai dar certo.

Dezesseis anos. Dezesseis anos. Até que é pouco, se você for ver.

As minhas amigas são muito mais. Eu tenho amigas que hoje elas não fazem mais. Mas quando eu caí na praça, que a gente fala cá, elas já estavam, já.

Há muito tempo. Aqui mesmo, aqui era. Na rodoviária, era o ponte delas.

E você era de... era todo dia? Você ia todo dia? Eu era todo dia, eu gostava, eu ia todo dia. E você sustentava com isso? É, eu ganhava um troquinho, né? Eu sustentava, não é a maneira de dizer. Porque eu morava com a minha mãe, né? Hoje é mais.

A minha mãe me ajudava. Como assim? Você acha que hoje elas ganham mais do que antigamente? Ah, se você não for uma trans top, vou falar de trans, uma trans top que sabe usar isso ao seu favor, tipo assim, como que eu vou te explicar? Investe em silicone, em cabelo, sabe? Flat, lugar pra fazer programa. Você não consegue.

Travesti de rua, geralmente não ganha muito dinheiro, não. É mais essas mais de... Você lembra? Você conta, né? Não, foi aumentando? Não, não, não. Às vezes você ganhava 100, 200, 300 reais numa noite, às vezes não ganhava nada.

Dependia do dia. Mas é muito vício, sabe o que é vício? A Gabi não te falou? Vício é quando aparece um menino bonitinho nos pôr, você vai sair com ele de graça. Quantas vezes? Isso a gente fala de vício, entendeu? Quantas vezes eu fazia isso? E se eu te... assim, ó. A melhor experiência e a pior experiência, assim.

A melhor? A melhor de todas não tem. Tem algumas melhores. Tipo assim, ó. Um exemplo.

A Gabi foi um cara que pagou muito dinheiro pra ela pra tirar a caída dela. E foi o cara que mais deu dinheiro pra ela. Você teve esse caso? Tive, tive.

Ele era um quarentão naquela época. Ele saiu só comigo. A gente não se encontrava no ponto.

Ele ligava pra mim e eu ia encontrar com ele em outro lugar. Ele era gentil, ele era amável, ele me pagava bem. Ele me emprestou um dinheiro, um valor que eu precisava, eu pedi pra ele.

Ele me emprestou, tipo, nessa época, 700 reais, sabe? Tá, toma. Nunca me pediu. E ele desapareceu, sumiu.

Acho que foi essa a melhor experiência humanitária. Agora, de beleza, lógico. Tem um monte de... Na época, um monte de homens bonitos, novos, né? Enfim.

Agora, pior... Alguma violência que você sofreu? Existia um cara que ele morava aqui em Cabo de Cabal. E ele tinha um problema com as trans. Ele vinha de carro aqui e ele catava você pelo cabelo e te jogava dentro do carro, te violentava, te batia, te largava a qualquer lugar.

Pra você ter uma ideia, ele me pegou oito vezes. Eu tenho só de falar o nome dele, já me dá pra ver. Dizem que ele morreu.

Quando eu vejo um carro igual ao dele, já tremo. Eu não sei se ele morreu, mas nem sei se é verdade. Ele era casado, tudo, muito violento.

Ele só te pegava violentado? Eu cheguei a achar que eu ia morrer na mão dele. Sabe? Quando ele chegava, e eu e uma amiga minha, daqui de Monte Alto, nós fazíamos programa em Cabo de Cabal. Quando a gente viu o carro dele de perto, a gente saía correndo.

Vinha pra Monte Alto rapidinho, ficava dentro de casa, pelo amor de Deus. Ele rezava pra não achar a gente. Era terrível.

Era terrível. Nossa. E ele fez isso com várias? Com várias.

Eu achava, não pra me enganar não, mas eu achava que ele me procurava. Porque quando eu estava, eu podia escutar quem foi, ele me catava. Teve caso de cliente que se apaixonou por você? Ficou te procurando? Me procurar, sim.

Até hoje tem. Mas, assim, não sei se eles são apaixonados, não. Não sei.

Que era casado e quis largar a família? Não, largar a família foi por minha causa nunca. Eu também nunca fui de destruir famílias, essas coisas. Eu não gosto desse tipo de coisa.

Eu tive essa capacidade também. O que te ofereceu? Nem que eu te oferecesse. Larga essa mulher.

Eu estava risada. Não faz sinal. Faz sinal que você vai perder.

Eu gostava. Eu era um homem só, nunca. Não conseguia.

Por isso que eu fazia programa. Não conseguia um homem só, transar com um homem só. Eu tentei isso com um ex namorado, não consegui.

Hoje você é solteira? Solteira. Hoje você não encontra um cara legal pra dividir uma vida com uma mulher trans? Trabalhar, ter as coisinhas. Ninguém quer.

Eles querem ficar na moita, lendo a carta da trans sendo sustentado por elas. Sempre foi assim. Mas tem aquelas que tem um marido, aquelas sumidas.

Sempre tem. Eu já tive um. E histórias, fetiches diferentes? Fetiche, menina do céu.

Eu tinha fetiche de sair com um policial fardado. E eles tinham um conceito assim? Ah, tinha bastante que eu não realizava. Porque eu sou passiva.

Então de penetração, essas coisas, sexual comigo eu não gostava. Então eu não fazia. E tinha um homem de Cabal, ele também pegava muito bem.

Acho que até a Gabi já saiu com ele. Você já falou dele pra você. Ele gostava que fazia xixi nos peitos dele.

E pegava muito bem. Então deve ser isso aí mesmo. E é isso.

Esse fetiche foi o mais cenebroso que eu encarei na minha vida. Ah, e uma vez também eu estava em Marília. De cocô, eu nunca encarei.

Nunca achei. Um casal estava rodando em Marília e eu estava tão bonitinha naquela. Eu estava com o trabalho de colocar silicone.

Era mais nova, né? Ele rodava, um homem linda. E eu não gosto de casal. Eu transo com mulher, nunca transei.

Queriam que eu ia. Eu falei não umas três vezes. Eu rodava e estava sem travesseiro na rua.

Aí eu falava. Você quer ganhar? Não, eu te pago isso. Eu não te pago mais isso.

Você precisa? Você não precisa? Eu falei, meu Deus, o que eu faço? Tá bom, mas eu nem toco nela, hein? Então tá bom. Foi um fetiche deles, entendeu? Ela vê o marido dela, aquele homem lindo, maravilhoso. Todo dotado.

Ela com o cabelo louro até aqui. E eu toda transinha ali. Transar com uma trans.

E ela se masturbando, olhando para aquela cena. Ela não participou. Não me tocou, eu também não toquei nela.

Na hora que... Eu estava só fazendo sexo oral e ele falou assim. Não, ela falou assim. Você quer transar com ela, amor? Eu falei, meu Deus do céu, é hoje.

Aí foi num drive-in. Num drive-in que é todo aberto. Aí em Marília.

Foi uma coisa diferente. O dia que eu fui para Ribeirão, eu fui lá na Baixada. No centro.

Lá é uma região mais precária mesmo. E aí elas tinham umas histórias de pedofilia. Muito assim.

Eu nunca tive isso. O cara que chega com calcinha da filha. As coisas bem baixas mesmo.

Eu já peguei homem de calcinha. Homem que pediu para eu usar minha calcinha. Homem que pediu para eu transar com a minha amiga.

Eu fui, mas sabe quando você finge que está transando? Para ganhar um pouquinho de dinheiro. Eu e minha amiga já fiz isso também. Saí com um anãozinho tão bonitinho.

Desculpa. Moreno, negro. Menino.

Na hora que ele tirou a roupa. Eu tinha três pernas, menino. É isso que eu pergunto.

De um homem normal. O pênis de um anão vai para mim. É do homem normal.

Não existe pênis anão. Foi engraçado, foi bonito. Tinha aquela mãozinha pequenininha.

E foi bom? Foi bom, foi legal. Eu gosto de homem vantajado. Sempre gostei.

Desde o começo. Então... Você já ficou com mais de um de uma vez? Fiquei com oito. Olha que loucura.

Eu era louco naquela época. Hoje eu não me vejo assim. Sabe o que eu fazia? Assim que eu acabei de colocar silicone eu me achava.

Nunca tinha um corpo. Enfim. Nós batalhava lá.

Batalhava é fazer programa. Batalhava numa esquina lá embaixo. E eu gostava de ir.

Sabe onde eu ia? Aqui em cima. Eu ficava ali sozinha. Na época de Natal.

Eu subia, menina, com um short de... Eu lembro até hoje. Um mini short de renda. Eu estava nas lojas.

Eu falava com as meninas. Hoje eu não me vejo. Gente, que coragem que eu tinha.

Como foi? Oito? Como vocês chegaram nesse rolê? Os oito te pagaram? Ou não? Alguns pagaram, outros não. Nem lembro direito. Foi lá em Marília, num galpão.

Totalmente fora da cidade. Não tinha nada. Abandonado.

Nossa, se vier matar aqui, mata. Um na mão. Rodízio.

Engraçado também. Foi assim. E eu lá, toda... É cada coisa que as meninas têm pra te contar, que você não acredita.

Você faz uns 3, 4 livros, sabia? Eu quero saber tudo. Quantas histórias malucas que você tem pra me contar. E uma vez, nós estávamos numa esquina que tinha uma casa de uma mulher.

E ela não gostava de nós. Uma travesti já faz 2, 3, 4 anos. Ela estava com saco cheio.

E eu cheguei, era o primeiro ano que chegava. E naquele dia, tinha um policial caçando alguma coisa pra fazer com alguém. Ele não era daqui.

Ele não era daqui. Ele era policial rodoviário. Enquanto o policial chegar, e ela tá ali, já me olhando com cara feia, ele encostar ali.

E ela falou, policial, eu não aguento mais esse travesti, eu sei que tem... Só que eu saquei que ele queria alguma coisa. Aí ele falou, ah, senhora, então tá, monta na viatura aí, fulano, cidadão. E eu montei na viatura.

Ela se gabou. Mande pra cadeia. Ah, que delícia.

Fez a festa. Um homem do tamanho... Diz que eu gostava. Ele nem tirou a farda.

Foi o único também. Foi só ele? Nunca mais eu fiz policial. Mas também dá pra ver.

É tanto tempo isso. Não sei se... Aquelas fardas, os cheiros tão mágicos, tão... E esses celulares... Tem um monte de foto de homem de policial. Nossa.

Não sei porque eu guardo. É fetiche, tá vendo? Acho que eu sou um pouco doente. Não sei.

Não, eu acho que assim, tem que gostar de sexo pra fazer. Tem que gostar. Porque senão fica naquela depressão.

Fica. Você não pode fazer uma coisa... Ah, como uma pessoa vai pra uma esquina, uma mulher, vamos supor, vai pra um lugar, uma zona, um vestibulo, transar com um homem, se ela não quer? Eu acho que entra na questão de se vender. Sabe, às vezes a gente gosta de transar, mas aí é a sensação de se vender.

Mas assim, ainda assim, eu acho que... A ideia... Tanto que a ideia do livro é exatamente essa mesmo. É desmitificar isso. É um trabalho.

Todo mundo transa. Todo mundo transa, exatamente. E a travesti, a menina de programa, ela não para com a arma, não quer... Não, para de quem quer.

Entendeu? Se é casado ou não. E a maioria é casada. Nunca teve uma esposa que veio atrás de você? Atrás de mim, não.

Atrás de mim, não. Não, nunca. Comigo nunca aconteceu, você acredita? Em todos os anos, nunca aconteceu.

Aconteceu sim, na internet. Ah, por que você curtiu a foto do meu marido? Ele é casado. Mas hoje em dia, eu peço desculpa por falar que eu não sabia.

Eu acho que não deveria estar aí o perfil dele, porque ele ia ser casado, mas enfim. Desculpa. Antigamente, nossa, eu... Eu era muito... Eu dava na cara, sabe, da pessoa.

Todas as relações eram assim. Hoje não, hoje eu penso mais lá pra lá. Tem mais o que fazer da minha vida do que ficar batendo os ovos.

E hoje você não faz mais o programa? Não, não faço. Eu saio com quem eu quero, sabe? Quando eu encontro um na internet que topa, a gente sai. Não tô morto também ainda, né? Mas assim, você cobra? Ainda você cobra.

Alguns sim. Alguns sim, outros não. Mas a melhor coisa foi ter feito um... Concurso.

Melhor coisa, né? Traz mais dignidade, sabe? Traz mais... Você se sente parte do mundo como, sabe? É estranho, mas é assim. Não, é o cintismo também, sabe? Quando tu tava lá em Perão assim, você não se sente pertencente a um lugar assim. A gente é muito excluída, muito mal vista.

A travessia de rua ela é como tá, isso é tudo errado. Você nunca foi pra site de acompanhante, né? Já, já tive um sitezinho, já fiz programa em site, de site, né? Assim, de me procurar, já cheguei no site. Mas não vingou muito, não.

Não deu muito certo. Não, não deu muito certo. Teve algum... Algum caso, assim, de tipo... Que o cara... O cara não gostou? Não sei, alguma situação assim que ele depois achou ruim, ou então que por você ser uma mulher trans ele se queixasse, ele é gay.

Teve essa sessão psicóloga, assim, sabe? Teve, teve. Eu era muito psicóloga. Teve.

Teve alguns que perguntam, ah, eu gosto de sair com você, eu sei que você tem um pênis e tudo, mas sabe que eu sou gay? Aí eu fico perguntando, você gosta de quê? Você gosta disso? Você gosta daquilo? Você gosta disso? Não, eu gosto de mulher, mas eu gosto também de sexo. É super normal, você é no máximo um bissexual. Aí vou explicar o que é bissexual na minha concepção.

Aí eles aceitam numa boa. Eu acho que... Porque o sexo não tem esse negócio de homem e mulher. Sexo não tem prazer, não tem sexo.

O homem tem que estar com a mulher. Não é assim. O homem pode bater na mão.

Uma parte que eu escrevi aqui, eu acho que as profissionais, os homens que procuram uma garota de programa, eles se sentem seguros, né? Acho que é um lugar seguro. Pra realizar coisas que eles não teriam coragem de fazer com parceira. Por isso muitos homens casados procuram.

Também tem até vontade, mas tem vergonha. Também tem vergonha. É cabu, né? Aquela coisa.

Mas já teve homens que falaram assim? Eu sou casado. Eu falei, a sua mulher não faz muita coisa? Ela falou, não, a minha mulher faz tudo comigo. E por que você vem me procurar? Porque eu gosto.

Teve esse tipo de homem. Teve homem que a mulher vai com o papai e mamãe online. É, tem todos os tipos.

E o cara que simplesmente quer. Não quer só aquilo, quer outras coisas. Tem que procurar mais coisas em outras pessoas, entendeu? Mais posições, mais tipos de perguntas.

E você tinha limitação? Tipo de posição? Não, eu era uma vagabunda. A não ser coisas nojentas. Penetrar, não.

Fazer xixi, eu já fazia naquela criatura lá. Também, você tá na rua, você tá sujeito a muita coisa, sabe? Você aceita. É que nem quando eu fui com o casal, foi por causa do dinheiro.

E esse aqui, pra fazer xixi, por causa do dinheiro. E é isso. Penetração, nem com o dedo.

Nem com o dedo. Com o dedo, já. Mas eu tinha nojo.

Mas já. E eles pedem muito? Pedem sim. Drogar também.

É. Nossa, de perto, homem drogado. Não vira nada. Dá um trabalho só.

E desde quando você entrou, você já pensava em sair? Tipo assim, um dia eu vou prestar um curso, ou foi algo natural, que o tempo foi passando, foi uma coisa natural. Mas estava, eu sabia que eu não queria ficar financeiramente, não. Trabalhando nessa cidade aqui, não tem como, hoje em dia.

Mas eu sempre pensei em mudar de vida assim, fazer um concurso. Eu já fiz vários concursos, eu sempre fazia pra escriturares, sabe? Passava lá embaixo, então não era só nada, quer saber? Fazia pra abraçar. Eu fiz, passei.

Estou aqui, olha. Graças a Deus, estou treze anos na prefeitura. Que mudou a minha vida.

Sua vida hoje é melhor. Eu já andava de cabeça erguida, porque a trans, ela não dá muito pra opinião das pessoas. E quando ela tem um emprego, aí ninguém segura, aí ela é mais segura de si.

É mulher, né? Narcisa também. Ela tem um emprego bom, ela anda aqui com o nariz lá em cima. Não de orgulho, mas de orgulho dela própria, sabe? Dela mesma.

Que nem a rua, nunca ia poder pagar um aluguel ou comprar uma moto, um carro, um telefone. Nunca, jamais. As que sabem usar, que souberam fazer, tem uma amiga nossa aqui, não sei se você já ouviu falar, a Valentina.

Ela era um menino gordinho, depois ela se trouxe pra uma trans totalmente diferente. Ela é emagrecida, ela ganha dinheiro com prostituição. Ela tem o seu carro, ela tem o seu flat, sabe? É desse que eu falo pra você.

Não sei se é sorte, eu soube fazer, eu não sei, você sabe? A gente não tem amizade. Só te mandar dinheiro? Porque tem, né? Uns caras que querem te bancar, sabe? Os famosos sugar daddies. Sim, mas é... Não passou das palavras.

Não te satisfaz com uma foto. Isso. Você vende essas coisas? Não, não vendo.

Porque não vendo, não, não vendo. Nunca vendo. E olha que eu mando foto.

É o novo negócio do momento. Vender foto e vídeo. Mas eu já falava, você vende conteúdo? Eu falava, vendo.

Aí a pessoa não pergunta mais nada. Ai. Ai, é um saco.

Eu nem preciso, né? Seria legal vender uma foto. Por uns 100 reais uma foto. É. Muita gente, tá? Agora é a... Eu tô tentando contar também com uma moça que vende conteúdo.

É. Legal. Preparação de corpo, né? Acho que ela se preocupa muito com isso, né? Você não vai vender uma foto de qualquer jeito, também, né? Aí não dá. E tem alguma... Alguma vez que você sentiu medo por estar... Ser uma mulher trans e estar nesse meio? Porque homens são maldosos, eu acho.

Sarah (transcrição)

Tudo bem? Tudo bem, e você? Tudo bem também, desculpa, não consegui, deu certo todas as horas, e agora não consegui. Fica tranquila, tá tudo bem. Achei que dá pra fazer pelo WhatsApp também.

Eu tô gravando por outro celular o áudio da nossa conversa, você me autoriza? Tá bom, tudo bem. Eu fiz algumas anotações aqui, pra mim não me perder, mas pra mim te apresentar primeiro o projeto, é um livro que eu tô escrevendo como TCC, sobre relatos de mulheres que vivem ou já viveram da prostituição de alguma forma. E aí eu coloquei relatos de mulheres trans, mulheres cis, mas que tem uma classe social bem mais baixa, e eu queria alguém pra falar também sobre conteúdos mais 18 na internet.

E aí, através de uma amiga que me mandou o seu vídeo, eu conheci você. Ela tá aqui, inclusive, ela quis vir escutar. Oi, tudo bom? Oi, tudo bem? Eu adoro os nossos vídeos.

Aí eu falei, amiga, manda mensagem pra ela. Obrigada. A gente tava aqui lendo a parte 9 do Intenso.

Essa é minha, né? Nossa senhora! Enfim, e aí eu falei, não, eu vou tentar muito falar com você, porque além de você ter muitas histórias, você também trabalha com OnlyFans, né? Então, a gente teria mais essa história pra agregar. Mas seria um bate-papo mesmo, eu não fiz perguntas específicas, eu só coloquei alguns tópicos pra gente conversar sobre, baseado no que eu já conversei com outras mulheres. E aí a gente vai desenrolando uma conversa.

Obviamente, você responde o que você quiser, quero que você se sinta confortável com isso. Enfim, então eu vou começar te perguntando como você começou, desde quando, com quantos anos, qual a sua motivação? Tá bom, bom, eu comecei em janeiro de 2015, na época eu morava com a minha mãe e a gente tava brigando bastante, e eu namorava na época. E aí, conversando ali com o meu namorado, eu fiquei pensando, o que eu posso fazer pra conseguir dinheiro rápido pra sair de casa? E assim, a gente já era um pouco safada, eu e ele, então a parte sexual pra mim nunca foi uma questão.

Pelo contrário, eu achei até bom quando a gente chegou nesse consenso de trabalhar com sexo, porque eu falei, aí eu vou poder ter prazer com outras pessoas com o aval dele. Nessa época eu já não tinha mais tanto tesão no meu namorado, então acho que foi uma soma de fatores aí. E aí ele pesquisou pra mim onde eu poderia começar.

Você já ouviu falar no GP Guia? Não, o que que é? O GP Guia é um fórum de acompanhantes, é onde os caras ficam fazendo meio que avaliações das meninas. Entendi. É tipo um tripadvisor, só que de garotas que trabalham com sexo.

E aí ele pesquisou nesse lugar, ele viu mais ou menos a caixa de preço que as meninas estavam cobrando, e que os caras estavam em busca de uma magrinha, aí eu falei, porque eu sempre tive um pouco o complexo por eu ser muito magra. Mas assim, aí as pessoas falaram, mas eu era magra mesmo, tipo, magra tipo seca, entendeu? E aí eu tinha um pouco de baixa autoestima por causa disso. E aí quando eu vi que os caras valorizavam a mulher magra, porque justamente o que mais tinha no mercado eram as mulheres peitudas, bundudas, pernudas, aí eu falei, ah, então eu tenho um lixo aqui pra explorar.

Aí eu comecei então em janeiro de 2015, eu criei uma rede social na época, que eu não sei se ainda existe, chamada Hoje Crescente, era tipo um Facebook só pra isso, pras meninas ficarem se divulgando, postando fotos sensuais, etc. Tipo um Twitter, só que mais direcionado. Aí eu comecei, eu consegui prospectar os meus primeiros clientes por lá, e aí depois um desses meus clientes, você quer fazer alguma pergunta? Eu ia perguntar se o seu namorado da época, ele participava de alguns programas assim, tipo ele, ou não? Não, não.

Ele só tinha um por cento de que você faria. Isso, só me deu apoio emocional. Então às vezes quando eu ia atender algum cliente, ele ficava esperando do lado de fora, numa padaria próxima, só pra ele dar um suporte emocional, mas não foi meu cafetão nem nada, nunca dei nenhum dinheiro pra ele.

Entendi. Ele tinha meio que fetiche de cor, de saber que eu tava com outra pessoa. Tá.

Bom, aí eu tive meus primeiros clientes ali pelo GP Face, depois um desses clientes fez um relato sobre mim no GP Guia, aí bombou meu celular, bombou de mensagem, porque era um fórum na época assim, não sei como tá hoje, mas em 2015 era um fórum assim, bem, se você queria ter sucesso, você tinha que estar lá no GP Guia, entendeu? Entendi. Bom, enfim, aí consegui os clientes por lá, depois de uns seis meses trabalhando com os jobs, eu criei o Twitter, aí eu comecei a postar uns videozinhos no Twitter, e aí foi trazendo mais visibilidade, então as redes sociais tiveram um papel muito importante, assim, nesse meu início, porque, aliás, não só no início, né, hoje também, mas as redes sociais, elas sempre, eu consegui

muitos clientes através das redes, eu fui me anunciar em site de acompanhante, eu acho que... Ai, meu Deus, acho que sei lá, uns seis anos depois, que eu tava trabalhando já com isso, que aí eu, pra prospectar mais clientes ainda, mas eu já tinha ali a minha cartela, de qualquer forma, que vinha das redes. Sim.

O que mais? Não. Eu acho que já era. Mais uma dúvida.

Você é jornalista, né? Sim, me formei em jornalismo. E aí, nessa época, você tinha um trabalho paralelo, ou não? Tinha. Em 2015, eu trabalhava numa companhia aérea, vendendo passagem aérea, então eu fiquei ali, acho que eu fiquei um ano, um ano trabalhando, assim, na verdade, nesse último trabalho, eu fiquei uns três anos, mas sendo que o último ano, eu comecei a intercalar com os encontros.

E aí, nesse um ano, eu fui avaliando, eu fui vendo que eu conseguia mais dinheiro como garota do que no meu trabalho mesmo, e aí eu usei um período ali que eu estava de férias como teste, para ver se eu conseguiria sobreviver só com o dinheiro dos programas. E aí, eu vi que sim. E aí, quando eu voltei de férias, eu pedi as contas.

E como jornalista mesmo, você nunca trabalhou, ou já? Nunca trabalhei. Sim, indiretamente, escrevendo no meu blog. Lógico, mas... Assim, num lugar, não, porque na época que eu estava estudando, o estágio pagava muito pouco, e era seis horas, né? E aí eu falei, eu prefiro continuar fazendo o que eu estou fazendo.

Me arrependo um pouco, porque isso me atrapalhou de ingressar na área depois, tanto que com a psicologia que eu estou cursando agora, eu já quero fazer diferente. Eu vou fazer estágio sim, mesmo que paga pouco. Mas então, por conta de eu não ter feito o estágio, isso dificultou de eu trabalhar na área.

Nem me fale, esse é o meu maior fardo. Eu também não fiz. Não consegui fazer.

Mas você está estudando ainda, né? Estou, estou no último ano agora, né? Agora é o último final, é reta final. Ah, agora já não conseguiria mais estágio? É que assim, o que aconteceu comigo, a cidade que eu faço faculdade, ela não é a cidade onde eu

moro. É uma hora de distância, assim, né? Então, e desde sempre, meus pais não tiveram condições, já deixaram claro que não iam ter condições de bancar integralmente a faculdade.

Então, aí eu comecei a fazer uns estágios, mas assim, em áreas... Fiz na área da cultura, da prefeitura, do marketing. Então, foi o mais próximo que eu cheguei, assim, do jornalismo. Mas nunca em alguma cidade que eu tivesse prospecção, sabe, do jornalismo.

E aí, logo em seguida, eu ingressei numa empresa com outro ramo, nada a ver. E estou até hoje lá, assim, sabe? E aí, minha mãe faleceu nesse meio do caminho também, então eu tinha meu pai para ajudar. Aí, ficou essa grande loucura e eu não consegui fazer estágio.

Então, eu também penso isso, sabe? A falta de um estágio foi... Vai fazer muita falta mesmo, mas tudo bem. Vida que der. Dá para você também começar? Tem um site que você consegue fazer frila.

É. Então, já me indicaram esse site, eu preciso mesmo. Porque com frila, você vai descobrindo experiência e depois, futuramente, pode tentar uma vaga, né? Em algum lugar com esse portfólio. É verdade.

Já me indicaram, eu vou atrás. É uma meta. Tá.

E aí, agora, já que você me contou como você começou, eu queria saber, assim, o primeiro cliente. Como foi essa... Foi tranquilo? Como foi essa... Foi muito tranquilo. Foi muito tranquilo.

No primeiro dia, eu ia ter um cliente à noite, esse era para ser meu primeiro cliente. Só que, aí, apareceu ao longo do dia, dois. Aí, eu falei, quer saber? Eu vou.

Então, no primeiro dia que eu trabalhei, eu já atendi três. Só que, assim, foi muito de boa. O primeiro, foi 15 minutinhos.

Ele tinha pedido só meia hora. Só que, aí, acabou durando 15 minutos, porque ele foi bem rápido mesmo. Ele estava em hora de almoço.

Foi muito de boa. Eu lembro que, na hora, eu pensei, nossa, por que eu não comecei isso antes? Porque ele me tratou super bem. Ele me chupou.

Ele fez esse negócio em mim. Ele também tinha essa preocupação de que eu estivesse gostando. Então, foi super de boa.

O segundo, ele já foi um cliente estranho. Eu até relatei no meu blog. Ele era um cara, assim, meio introspectivo.

Então, ele não fazia... Eu fiquei com a sensação que talvez ele tivesse alguns problemas mentais, porque ele não conversava. Ele ficava muito, assim, quieto, parado. Ele não deixou eu tirar a camisa dele.

Eu acho que eu nem chupei ele. Ele ficou só se esfregando em mim, assim, de roupa, comigo, deitada de lado. Acho que foi isso.

Tem que ver no blog. Mas foi um cliente, assim, muito estranho. Eu poderia ter dado uma traumatizada ali, porque eu achei ele muito bizarro.

Mas eu estava tão decidida que eu queria isso, que eu falei, ah, problema dele. É. E aí, o terceiro, que era para ter sido o meu primeiro, que se eu tivesse começado com ele, teria sido ainda melhor. O cara, ele preparou toda uma coisa romântica, pétalas de chão, pétalas de rosa no chão, na cama.

Ele me deu chocolate. A primeira vez que eu comi um chocolate iridescente da minha vida, que ele me deu de presente. Só que ele era bem gordinho.

Ele era gordinho e o pênis dele era, assim, minúsculo. Então, eu percebi ali que era uma forma dele tentar me compensar de outro jeito, sabe? Sim. E funcionou.

E você tem alguma... Uma questão que eu digo, assim, quando o cliente... Você não tem atração física por ele, assim? Eu vi que te perguntaram... Acho que você respondeu, sei lá, ontem, hoje, sobre o cliente ser feio e ter nojo. E eu pulei porque eu falei, eu não vou assistir porque eu vou perguntar isso. Eu não tenho problema nenhum com isso, mas eu consigo, assim, virar chavinha muito fácil.

E muitas vezes, os clientes feios, eles são super dedicados. Porque eles sabem que eles são feios. Então, eles capricham, sabe? Então, isso não é uma questão pra mim, não.

O que me incomoda mais é se o cliente é fedido. Se ele tem mau hálito ou se, às vezes, ele tem algum cheiro muito forte, assim, de suor. Aí, isso já me incomoda muito mais do que ele ser feio ou não.

Nossa. E também, na hora que você tá lá beijando, tipo, você fecha o olho. Não interessa quem é, entendeu? E tá só você e ele ali no quarto, não tem ninguém vendo, então... Eu pego homem feio de graça.

Então, já peguei. Acho que o pior deve ser isso mesmo. O odor, né? Tá, e aí, o seu... Você tem alguma... O seu melhor e pior cliente, assim? Tipo, nossa, esse cara foi inesquecível.

Eu ficaria com ele, assim, sem cobrar um real. E o pior? Você fala, cara, esse eu não volto. Olha, é muito raro eu ter um extremo assim.

Mas, geralmente, quando eu coloco... Que eu não vou sair mais com o cliente quando eu coloco nas minhas anotações. Geralmente, é alguém que... Que não me tratou bem, que foi desconfortável pra mim atender. Então, sempre tem umas regrinhas.

Ou que o cara não me tratou bem, ou que... Se não tratar bem, não digo nem assim de me maltratar, mas é de eu perceber que... Que o cara não me vê como uma mulher que merece respeito, sabe? Um cara que só me vê como um objeto ali. Os caras ficam comentando lá nos vídeos que tem que ser assim mesmo, mas meus

clientes não são assim. Então, quando eu me deparo com alguém assim, eu nem vou mais.

Porque... Porque é uma troca muito íntima, então tem que ter ali um mínimo de gentileza, sabe? É... Por exemplo, eu não gosto muito de atender o cara quando ele fecha uma hora e ele quer ficar uma hora metendo. Esse perfil de público eu já nem repito, porque me desgasta muito e é um cara que basicamente está me vendo como uma máquina ali. E não é assim que funciona.

Eu gosto de quando o cliente conversa... Eu combino como se fosse um date. Tipo, a gente conversa, a gente bebe alguma coisa, vai desenrolando as coisas ali naturalmente. A gente não usa aquele batistaca o tempo inteiro.

Entendeu? E o melhor cliente é... Bom, para eu considerar sair de graça com alguém, só se é um cara que me atrai muito fisicamente e que enrolou muita química. Aí... E aí você... Eu também vi essa semana, assim, sobre... Você respondeu sobre saber se vai ter química logo de cara. O que faz você perceber isso, assim? Se vai ter, se não vai ter? Na verdade, tem dois elementos que eu percebo.

O primeiro é o papo da pessoa e o beijo. Se o beijo... Se o papo não bateu, aí já é algum indício que vai ser meio... Porque aí sou eu que tenho que ficar me esforçando ali para puxar o assunto. Se a pessoa já é introspectiva e ainda por cima o beijo não foi bom, aí eu já sei que não vai dar.

Agora se a pessoa é introspectiva e o beijo é bom, aí rola legal, porque aí eu fico mais ali nas intimidades mesmo, em vez de ficar conversando. Entendi. E, cara... Agora uma pergunta que eu nem anotei aqui, mas me veio.

Quando... No primeiro contato, quando eu decidi que eu queria fazer um livro sobre isso, eu estudei em Ribeirão Preto, no interior aqui de São Paulo. E aí eu fui no centro de Ribeirão Preto, que é uma região bem pobre de prostituição. E aí, tanto que você me falando sobre o odor, elas chegaram a me contar que tem cara que... O pau é inteiro branco.

É nesse nível. Meu Deus. E aí, na hora, eu falei assim... Por que você não vai tomar banho? Leva ele... Começa no banho.

Ela falou assim, às vezes é pior, porque arranca toda a roupa e infesta o quarto inteiro. É algo que eu não consigo imaginar. Tipo, eu penso e falo, meu Deus, como que alguém consegue chegar nesse estado? Mas eu entendi que também é sobre classe.

Homens assim não vão chegar para você. Não, o máximo que chega que eu paro de odor é o hálito e, às vezes, o odor de urina. Sim, é. Eu entendi assim que... Mas entendi isso conversando com outras depois, entendendo que esse perfil é destinado a mulheres como, infelizmente, estão naquela situação com elas.

E aí, elas me contaram muito sobre fetiches. Enfim, desde... Homens que preferem ser passivos na relação, até coisas muito mais absurdas, de pedofilia, enfim. E aí, eu queria saber de você, fetiches que já chegaram para você, que são, nossa, esses são diferentes, os mais diferentes.

Você tem alguma história? Olha, eu não sou muito dos fetiches, porque eu sou bem tradicional. Os fetiches que eu já atendi em versão de papel, os caras quererem que penetra neles com cintaralha. E aí, você tem isso já? Então, eu não faço mais em versão hoje em dia.

Eu fazia no começo. Depois que eu fui entendendo que não era uma coisa que me dava prazer fazer, eu... Bem, o prazer tem que ser dele, mas eu gosto de sentir prazer também no que eu estou fazendo. E aí, como eu vi que era uma coisa que não me dava prazer fazer, eu parei de fazer.

Porque eu sou mais... Eu me vejo mais como a submissa do que a dominadora, entendeu? Isso no sexo. Eu prefiro muito mais ser dominada do que se dominar. Então, para você fazer em versão de papel, você tem que ter mais esse perfil dominadora.

Então, eu fazia no começo, mas depois eu parei. Chuva dourada, eu já fiz uma vez só também. Não era uma coisa que me deixava confortável de fazer.

E essa vez que eu fiz, foi porque lá no momento eu falei que eu estava apertada e o cara se aproveitou disso e se encheu pra fazer nele. Mas se fosse uma coisa já previamente falada, eu não ia querer fazer. Mas eu estava lá, né? Eu falei, bom, já estou aqui, então vai.

Tem alguns clientes que eu já saí que não transou, que fica só ali na esfregação com roupa. Já atendi clientes assim. Eu achei bizarríssimo, mas acho que talvez é uma tara dele de... Alguma coisa proibida, como se ele não pudesse.

Eu acho que isso talvez vá um pouco para a linha da pedofilia, porque talvez ele projetou ali uma pessoa que ele não poderia fazer, mas ele tem vontade de ficar só ali na superficialidade. Tem um cliente hoje em dia que ele só me massurba também. Ele não transa, eu nem chupo ele, ele nem tira a roupa.

Ele só fica me massurbando também. Eu acho bem curioso também. Qual é o desejo dele ali? Legal, adorei, eu quero esse cliente para mim.

Ai, que coisa boa. Deixa eu ver. Tem um cliente que eu converso por mensagem, ele sempre compra só interação por mensagem para eu ficar humilhando ele.

Por mensagem. Ah, só por mensagem? Por mensagem, mas eu tenho. Ainda não, porque eu acho que ele ainda está juntando dinheiro.

Mas é como se a gente estivesse simulando uma situação que a gente está junto. A gente simula aí uma situação, uma historinha, e aí eu fico xingando ele e tratando ele mal nas mensagens. Entendi.

E aí, antes, eu queria também entrar no tópico de homens casados, que eu acho que tem muitos, né? Mas antes disso, eu anotei assim, medos, inseguranças, em algum momento você se sentiu ameaçada por alguém? Não sei, assim, alguém que se apaixonou e te perseguiu? Alguma situação assim? Já aconteceu uma vez, eu

atendi um cliente, que eu achei ele bem estranho. E ele até rolou um conflito ali na hora de me pagar, porque eu sempre cobro no final do encontro. E aí ele falou, manda o seu pix para mim que eu te faço.

Eu falei, não, você tem que fazer enquanto eu estou no quarto. Ele, não, você tem que confiar em mim. Eu falei, não, não funciona assim, você me paga enquanto eu estou no quarto.

Aí ele, tá bom, tá bom, calma. Aí ele me mandou o dinheiro ali na hora, mandou até a mais, acho que para amenizar o inconveniente que teve. Só que é um cliente que eu não gostei, eu achei ele meio estranho, tanto por essa questão, como por uma outra questão, que em outro momento do encontro, ele falou assim, agora que eu te encontrei, eu não posso mais perder tempo.

Aí eu, como assim perder tempo? Você está doente? Aí ele disse que estava. Eu falei, o que você tem? Ele não queria dizer, achei ele muito estranho. Aí eu falei, não vou mais sair com esse cara, não.

E aí passou, ele mandava mensagem, eu queria não sair, eu não respondia. Aí passou um tempo e um investigador entrou comigo, entrou em contato comigo, perguntando se eu conhecia ele. Porque, qual que foi o lance? Ele contratou alguém para descobrir informações sobre mim, só que a própria pessoa estranhou o jeito dele, também achou que ele era meio estranho e achou mais seguro falar comigo do que passar meus dados para ele.

E aí quando eu confirmei para essa pessoa, que sim, era uma pessoa que eu tinha saído, que eu achei a pessoa estranha, aí essa pessoa que foi contratada por ele, não, segundo ele, ele não passou as minhas informações. Então rolou esse cliente que ficou ainda aí um tempo ali, tentando forçar alguma coisa comigo, de uma aproximação. E teve uma outra vez que eu atendi um cara que era esquizofrênico, só que a conversa só começou a ficar estranha depois que a gente transou e ficou ali no pós conversando.

Isso foi bem ali na época da pandemia. E aí eu fiquei com medo dele me atacar, porque eu sei que a pessoa que é esquizofrênica, se ela te vê como ameaça, ela vai te atacar, né? E aí eu procurei ali fingir que eu estava super na onda dele, mentindo de louca também, mas eu saí de lá com muito medo, assim, de ele ter feito alguma coisa. Sim.

E depois passaram uns dias, eu fiz aniversário e ele me mandou um pix falando, feliz aniversário. Aí para mim, aquilo para mim foi uma grande ameaça. Eu falei, ele está mostrando que ele sabe o meu nome, que ele sabe, que ele não esqueceu os meus dados.

Sim, entendi. Não, acho que a esquizofrenia é algo que também ia ficar bem assustada. É, eu fiquei bem assustada.

E aí depois disso, ele não mandou mais mensagem, nada disso? Ou ele... Não, ele tentou sair comigo em algum outro momento, mas aí eu falava que não dava, não tinha e ele desistiu. E aí não sei se ele leu meu blog depois, porque eu escrevi sobre ele, então... Tem algum cliente que já achou ruim de você escrever sobre ele alguma coisa? Tipo assim, o que você escreveu sobre ele ser esquisito, é... De tirar a participação comigo, não. Já aconteceu de alguém falar mal de mim no GP Guia, e eu ficava com essa sensação de que foi alguém que eu falei mal no meu blog, porque a pessoa trouxe coisas ali que nunca aconteceram no encontro.

Estava assim, muito na cara que a pessoa queria me queimar. Então tem essa vez que eu imaginei, eu falei, bom, a pessoa está falando mal de mim aqui, sendo que eu não fiz essas coisas que ela está falando, só pode ser alguém que eu falei mal e ficou com... Foi reativo. E já aconteceu de um cliente que eu falei mal dele querer sair comigo de novo, meio que para se redimir.

Mas aí eu não aceitei, porque se era uma pessoa que eu não tinha gostado, eu não ia sair de novo. Entendi. Só essas duas pessoas também.

E aí... Ok, homens casados, vamos lá. A história do navio, não tem como não me perguntar da história do navio. Meu Deus do céu, que história é essa? Falei, não, eu preciso que você me conte sobre isso.

Ele é um cliente, assim, que a gente saiu já há 4, acho que não, 4, 5, 6 anos. Estou confusa já nas datas, mas a gente já saiu há muitos anos e ele é apaixonado por mim. Então ele me levou, realmente.

Só que aí eu não pude escrever o restante, eu ia escrever os outros dias do cruzeiro, só que quando a gente voltou de viagem, ele deu uma relaxada e a mulher dele descobriu. Eu também não li, assim, na verdade, porque eu cheguei, eu trabalho só com mulheres, uma sala só de mulheres. Aí o dia que eu contei que eu consegui contato com você e tal, elas ficaram em surto.

Assim, nossa, que legal. Aí elas começaram a ler e olhar seu TikTok, enfim. E aí elas que me contaram, eu falei, gente, eu estou tentando não ver, estou pulando as coisas dela.

Então você não está sabendo de nada. Não. E aí elas falaram assim pra mim, Roberta, pergunta sobre a história do cara.

Simplesmente uma loucura. Pergunta sobre. Eu falei, tá, eu vou falar.

Ah, então tá, vou contextualizar tudo. Ele estava fazendo uma viagem com a família dele, com a esposa e os dois filhos. E aí ele me chamou pra ir junto.

Numa cabine separada. Aí eu falei, é arriscado isso, né? Mas aí... E eu ainda levei uma amiga minha, porque... Como eu ia ficar... Ele não ia poder ficar comigo todo esse tempo. Ele concordou que eu levasse uma amiga minha pra eu não ficar sozinha.

E aí ele dava escapadinhas. Então, num dia, ele dava umas 3, 4 escapadinhas pra eu ir lá encontrar. E aí ela não descobriu durante a viagem? Não descobriu durante a viagem.

Inclusive, quando ela descobriu sobre a gente depois, eu nem sei se ela descobriu sobre a viagem. Porque o que ela descobriu foi que ela viu conversas nossas no Instagram dele, mas não tinha nada ali mencionando a viagem de Bruzeiro. Então, eu não sei se ela descobriu a viagem.

Então, justamente pra preservar, eu não contei. Eu só postei a primeira parte e aí depois eu não postei mais, porque ela poderia estar olhando as minhas redes pra acompanhar, entendeu? E aí já teve algum outro caso de que a mulher descobriu? Enfim... E veio atrás de você? Não sei, assim... Vem atrás de mim, não. Mas teve uma outra situação que é, inclusive, um cliente que eu fiquei muito apaixonada.

Ai... Ele era do Rio. E ele super também na minha, super me iludindo ali. E aí, em algum momento, ele parou de... A gente tava conversando e a gente conversava todos os dias.

E aí, em algum momento, ele falou pode ser uma merda aqui, a minha mulher pegou meu celular com o WhatsApp aberto botei que cortar e aí ele parou de sair comigo. Cortou, assim, abruptamente. Então, eu fiquei muito na merda.

Porque eu tava super apaixonadinha nele, né? E ele falava tão mal da esposa que eu achava que se algum dia desse alguma merda, ele fosse separar, né? Mas não, menina. Ali eu vi que eu era só uma diversão mesmo. Oh, meu Deus.

E aí... Quando você se apaixona por cliente... Como é? Hoje em dia, eu não me apaixono mais. Mas eu já me apaixonei duas vezes. Aí, uma vez... As duas vezes eram casados e o primeiro... Só que o primeiro, eu fui mais trouxa.

Porque eu parei de cobrar dele depois de um tempo. E aí, quando ele rompeu comigo, foi também rompeu, assim, do nada, defendendo a esposa. E eu fiquei, assim, me sentindo muito idiota porque eu tinha deixado de cobrar dele.

O cara fazia aquelas promessas e tudo mais, mas num desentendimentozinho, ele defendeu a esposa. Sendo que eu nem tinha falado mal dela. A situação que tinha

sido era... Ele tinha muito ciúmes dos meus clientes, que é ridículo, né? O cara casado tem ciúmes dos meus clientes.

E aí, ele queria me encontrar pra gente conversar. Ele, aí, vamos jantar comigo pra gente conversar. E eu tava com tanta preguiça porque toda vez era isso.

Eu falei, não, vamos conversar por aqui. A gente se encontra quando estiver tudo bem. Aí, ele ficou um tempo ausente ali, e eu mandando mensagem, cadê você? A gente não tava conversando.

E aí, ele falou, ai, a minha esposa, apesar dela já ter jantado, ela me acompanhou no jantar. Tipo, assim, você não quis ir, e a minha esposa me acompanhou. Aí, eu só falei, ai, palmas pra ela, né? Aí, na hora, o cara virou no girar, ai, vai falar mal da minha esposa? Vai se fuder? E me bloqueou.

Tipo, surtado, do nada. E você não falou nada? Você só... Não falei nada de mais, eu só falei, tipo, é... Nem ofendi, nem nada. Eu só fui irônica.

Eu fui irônica e debochada, mas eu não xinguei ninguém. Enfim, aí, com o segundo que eu me apaixonei, aí, eu já fui mais esperta. Eu já falei, não vou deixar de cobrar.

Pode ser o que for. É casado, não vou deixar de cobrar. Porque eles vão buscar a posição de amante, e amante tem que ter, pelo menos, benefícios, né? Vai pagar meu cachê.

Então, esse, pelo menos, quando ele rompeu, eu fiquei mal.

Celita (transcrição)

Você pediu para eu suplicar, mas eu decidi não suplicar. Não suplicar? Está doendo? Você é

deficiente. Está doendo? Não, gente.

Eu também. Eu dei tanta risada. Quando eu der, eu dou riso.

Você deixou a porta fechada. Resolvidão. Eu quero que você me conte isso.

Tudo isso. 16 anos. Tudo isso.

Vamos lá, vamos fazer em uma ordem mais cronológica. Primeiro, você vai me contar como você começou. Por que você começou? O que aconteceu? Quem foi a primeira pessoa? Depois disso, a gente vai contando as histórias.

Pode falar. Acho que eu comecei... A primeira vez foi com o meu primeiro namoradinho. Ele foi preso.

Dois meses com ele, meu primeiro namorado foi preso. Comecei a visitar ele na cadeia. E eu não podia ficar com ele lá, porque eu era de menor ainda.

Mas eu manobrava minha mãe, minha sogra, eu entrava dentro da jega pra ficar com ele. Aí depois, eu liguei dele, fiquei com o pai da minha filha. Aí com o pai da minha filha, quando eu pegava, eu já comecei a dar mais escapada.

Aí eu já ia pro hotel, já saía com o patrão dele. E isso eles te pagavam? Me pagavam? Já te pagavam. Já me pagavam.

Entendi. Aí... Liguei do pai da minha filha. Quando eu liguei do pai da Aila, eu comecei a sair de noite.

Aí eu comecei... E você tinha quantos anos, mais ou menos, você lembra? Quando eu liguei dele, 20 anos. 20 anos, tá. Então, por dinheiro, você fazia já antes dos 18 ou não? Antes dos 18.

Antes dos 18, tá. Aí você começou a ir pra noite... Aí eu comecei a sair à noite, comecei a beber, comecei a encher a cocaína. Aí comecei a prostituir.

E isso, o dinheiro da prostituição, ia pra você alimentar? Pra mim, tudo pro consumo da noite.

Tá. Entendi.

Aí... Aí tinha vezes que eu nem ficava pro dinheiro, ficava pro que eu queria mesmo. Aí... Aí veio

umas histórias loucas. Eu fiquei sabendo que você já foi presa.

E aí, como que foi na cadeia? Na cadeia? Presa... Ah, na cadeia é muita coisa. Já me invocada...Porque eu passei em vários penitenciários, vários sistemas. Eu passei em Viradouro, pra Adópolis, Perajuí, Praça de Cabo, Paulista, Ribeirão... Então, teve sistema de eu me envolver.

Morava eu e um sapatão. E nessa, fiquei dois anos e meio casada. Dentro da cadeia? Dentro da cadeia.

Sim. E lá, porque a maioria, tudo casal. Na cadeia feminina, a maioria é casal.

A maioria, tudo casal. E... Aí, na... E a primeira vez que eu fiquei com mulher, foi com a minha amiga. Lá no rancho.

E teve uma dessas mãos quando a Né foi no rancho, Né estava descendo, uma rapaziada de São Carlos, chamou nós pra ir no churrasco lá. E tinha uns oito, nove homens. Aí, eles perguntou se eu subia na mesa, se fazia os trepetis, essas coisas.

Sim, eu subi. E fez? Aí, fiz. Aí, eles te deram dinheiro? Deram.

Deram cem euros cada um. Aí, depois desse mesmo dia, eles perguntou se eu fazia orgia, se eu ficava com três homens. Fiz também.

Sim. Não. Aí, eles deram mais dinheiro? Deram mais dinheiro.

Aham. Aí, depois, eles trouxeram nós até embora. Até aqui na avenida, trouxeram nós embora.

Deixa eu ver. Aí, já teve vez de eu ir no hotel, por droga, por dinheiro, roubar, roubar cliente, assim. O cara colocava arma na minha cabeça.

E foi presa por roubo? Foi presa em roubo. E aí, você roubava pra alimentar seus vícios? Sim.

Sim.

Sim. Já aconteceu de colocar arma na minha cabeça por eu... por eu querer usar droga. O cara foi comprar bastante droga pra mim.

Ele só queria uma companhia no hotel. Ele era de Ribeirão Preto. Aí, ele deitou.

Eu fiquei aí. Fiquei usando, usando, usando. Aí, eu perguntei se ele queria.

Ele falou que não. Aí, eu fiz exame de cabeça dele. Ele usava.

Aí, ele usou. Ele ficou meio assim, meio ruim. Aí, ele entrou, assim, pra tomar banho no chuveiro.

Eu vi a carteira dele. Catei tudo o dinheiro dele. Aí, ele saiu do banheiro e pediu a carteira.

Mas, o cara ficou louco. Pegou arma. Tava numa jaqueta.

Ele colocou na minha cabeça. Mandou embora. Vamos embora. E eu quero pegar toda a droga que tinha. Que tava um criador do mundo cheio de droga. E

como você escapou? Como você escapou? Então, como eu escapei, ele parou no meio.

Na hora de sair, ele fez eu montar na moto. Aí, ele falou pra mim que ele... Que eu nem conhecia ele. Que eu só era acostumada a roubar os velhos.

Ele, não. E que ele me deu essa oportunidade. Porque ele não ia se atrasar em cima de mim, não.

Deixou em frente minha casa. Mas, te deixou sem o dinheiro? Ele pegou o dinheiro de volta? Ou não? Você ficou com o dinheiro dele? Eu acho. Eu já não me recordo.

Mas, o dinheiro ele pegou de volta. Que eu joguei atrás da privada. Ele achou que ficou louco da vida.

O dia que eu tinha roubado dele. Entendi. E... E aí, você tem alguma história, assim... De fetiche

dos caras? Que você já teve que realizar? Ai... Já.

Já fiquei com muito homem. Muito malandro. Que dá bundinha.

Que vai arrando. Ah, é? Que se veste de mulher. Comprou minha calcinha.

Meu sutiã do meu corpo a pôr. E aí, você comia eles? Ai... Comia cozinha de homem. Essas coisas.

Eles se vestiam de mulher. Eu vira homem na história. E aí, você comia com a mão? Hã? Com a mão? Eles dava.

Tinha o que tinha. Já foi escova de dente. Já foi shampoo.

Já foi consolo. O que tinha? O que tinha. Uhum.

É sério. Vários amigos meus que... Nossa, velho. Fez de ver.

Uhum. E conta pra mim essa história do Tu. Por favor.

Não, o Tu, ele tinha um triciclo. Esse novo triciclo que tem agora. Aí, ele parava assim, né? Ele falava assim.

Eu tenho cinquenta. Que ele tinha... A ver se... Ele não fala direito. Falei nele.

Ele tem dinheiro. Cinquenta. Você tem cinquenta? É. Peraí que eu já montava no triciclo dele.

Não ia. Eu levava lá pra casa dele. Aí, chegava lá.

Eu tomava banho. Acho que ele tomava Azulzinho, né? Ele tomava Azulzinho. Falei nesse.

Toma Azulzinho, né? Como tinha chave? Como tinha chave? Aí, eu saía do chuveiro. Ele vinha. Eu virava.

Ficava de quatro assim. Ele virava a bunda pra ele. Ele começava a estragar.

Chega aquele pau que nem vai nem vem. Aí, eu ia assim. Vai ter no Tu? Põe no Tu? Não, neném.

No Tu não. Vai. Vai.

Aí, eu ficava... Aí, eu falo assim. Aí, tá bom, neném. Não, não.

Te enquentá. Foi no Tu. Tô a ponto.

Tô a ponto. Quê? Tu com o quê, neném? Tu com o quê? Tá louco? É. Ele morreu. Agora, não tem nem o triciclo, nem o Tu mais. Não tem mais nada. E nem os cinquenta. E nem os cinquenta. Nossa, era mó diversão. Tu capotou o triciclo com nós. Mas aí, no meio do caminho, o negócio começou a fazer efeito, né? Ele falou, né? Que ele tava ficando doido. Ah, é. E coisa. Aí, tem que chutar. Não.

Não. Não. Não.

Não. Não. Não.

Não. Não. Não.

Não. Não. Não.

O Caio, que era Kátia. A Andreia que era o Réo. Quanto tempo você ficou presa? Nove anos e seis meses.

Tudo. Bastante tempo, né? Como que foi essa época lá pra você? Como que era? Ah, é porque vários lugares, cada lugar, né? Eu sou um tipo de pessoa, né? Cada lugar é uma moeirada, tem lugar que é mais limpo, tem lugar que é mais tranquilo, tem lugar que é mais agitado, tem lugar que é o cão, né? E em alguma vez você sentiu medo de morrer? Não, mas... Não, não dentro, não só dentro da cadeia, mas tipo esse cara que você assaltou? Ah, sim. Pensei muito nela.

É. Lógico, sim. E aí ele veio com a arma pra cima de você, teve outra situação assim? Ele veio, aí ele mandou por minha roupa, aí ele me dava coronhada, assim, eu costumava roubar os velhos, ele não ia roubar não, me deram coronhada. Ah, e tantas vezes ela correu risco de morte, que o cara tá preso por conta disso, de tanto bater nela, quase matou ela.

Tá preso na alheia da pedra. Eu tive que me fingir morta, me fingir de morta, e mesmo assim

ele me chutava. Ele era um cara que você saía frequentemente? Esse era a namorada. Ah, ele era a sua namorada. Entendi. E... Ele me levou no meio do mato, ele sabia que eu ia enxergar, ficou bem, ficou bem o dia inteiro.

Porque uma vez ele ouviu eu ficando com um amigo dele, ele ouviu. Ele foi debaixo da janela, na casa do amigo dele, ele ouviu. E eu neguei, né? Falei que não, não, passou.

Um dia ele me cozinhou, né? Aí onde ele levou eu, lá perto de onde era o antigo lixão que morava um amigo nosso. Aí eu fui. Ele ficou bem o dia inteiro, tudo.

Aqui caiu a noite, porque ele sabia que eu não enxergava. A saída começou. Ele vinha no meu pescoço, ele vinha no meu pescoço, ele queria me enforcar.

Eu fiquei umas duas horas trocando soco com ele, né? Ficou trocando soco. E eu saía pra fora, eu gritava, não tinha ninguém, ninguém me atendia, não tinha ninguém. Aí eu tentei correr, ele veio e grudou no meu pescoço de novo.

Aí eu já não aguentava mais brigar com ele, eu me fingi de morta. Até no outro dia eu me fingi

de morta. E mesmo você... Já teve algum namorado? Alguma vez você estava namorando e mesmo assim você se prostituía? Todos.

Todos? Todos. Eu estudei que o meu amante era amante meu. E tudo bem pra eles? Ah, eu fazia escondido, né? Eu fazia escondido, né? Eu não falava, né? Não sabia, não.

Eu fazia escondido mesmo. Inclusive hoje, né, Cê? É? Você está meio de namoro com um ator, não é Cê? O Russo, né? Esse fim de semana eu fui no motel. Sábado.

Eu nunca tinha ido no Maidro. Fui no Maidro. O Hornet? Não, o Hornet, a mãe dele estava lá no

HC, não foi da Hornet.

Sabe a minha amiga do Diego que trabalha no Pochinho? O irmão dela. E... E o cara é meio termo, não é muito homem também. Rebola mais que a Selita.

Ele é meio gay, então? Ah, é meio termo. Mas no dinheiro. Cheio de dinheiro, enfim.

Qual foi a vez que você mais ganhou dinheiro? A vez que eu mais ganhei dinheiro... A vez que eu mais ganhei dinheiro eu fui lá em... Como que chama? É um condomínio, é... Eu estava lá no rancho. Aí eu fui buscar umas meninas, lá tinha um puteiro. Como chama a cidade? Ah, não sei, eu sei que é um condomínio lá.

Então, mas foi um cara que te pagou muito? Foi ele. Ele falou se eu dormisse com ele. Eu e a minha amiga Égri, né, eu fui... Eu fui lá nesse condomínio, aí ele falou... Se eu dormisse com ele, me davam dinheiro.

Na hora que, né, no outro dia. Mas não especificou o valor. Aí, amanheceu o dia que nós viemos embora, ele deu um... Ele deu muita coisa pra nós. Ele me deu, acho que, R\$1.500. Ficou 17 dias no arrebento, pra lá. Pro rancho. Me deu R\$1.500, acho que foi a maior vez.

A maior vez, você acredita? Uhum. E... E como que é a história com... Hã? Com quem? Com o Juninho? Com o Juninho. Com o Juninho.

O Juninho... Eu era muito amiga da filha dele, da filha dele, né? Ela foi criada assim, sempre próxima. E... Quando eu larguei do pai da minha filha, que eu tinha 20 anos, aí... Eu larguei, num dia e no outro ele já tava. Aí eu comecei a ser com ele.

Aí ele era bem pequenininho, ele dava as coisas, dava de tudo pra mim, dava dinheiro. E ele te bancava? Bancava. Ele bancava.

Aí nós íamos no meio do mato, eu era usuária de crack aquele tempo. Ele comprava crack, ele ajudava eu a fumar, apanhava na minha boca. Ele sempre comprou minha droga, minha maconha.

Me dava dinheiro. Com minhas contas, assim, que eu fazia, ele que pagava. Aham.

Sempre, sempre foi ele. Sempre era ele. Em qualquer situação, era ele que eu recorria.

E... Aí um dia eu falei pra minha mãe, mãe, ele pode vir conhecer a chácara? Era um domingo.

Mas isso durou 16 anos? 16 anos. 16 anos.

Outra coisa que... Antes de eu ficar com o Alex, eu já ficava com ele. Uhum. Aí eu falei pra minha mãe se eu podia trazer ele pra conhecer a chácara.

Minha mãe falou que podia. Aí ele veio, né? Conheceu, olhou aqui dentro, tudo. Sentou ali na mesa, ali fora.

Ficou conversando. Aí minha mãe falou, você tem vaidosos, não sei o que, não sei o que lá. Aí ideia vai, ideia vem.

Ele falou que tinha pegado um acerto de 250 mil e tinha mais um dinheiro dele pra explodir, né? Aí a minha mãe cresceu só. Uhum. Aí... Aí eu voltei com o Alex.

Eu morava com o Alex. Aí ela falou, assim, tá, vó, tá conversando com o Juninho? Aí eu vim aqui e falei, mas se tá ligando pro Juninho, se atende ele? Ah! O Ricardo. Nossa.

Um amigo meu, o Ricardo, ele me deu o número dele, né? Aí eu falei, nossa, Ricardo, eu te liguei, se ele me atendeu. Eu falei, nossa, eu não vi. Quem me ligou foi sua mãe.

Onde? Aí sua mãe achou o número. Uhum. Eu vou falar pra ela ainda.

Eu não falei ainda. Eu tava com dor, eu não falei. Uhum.

Queria saber quem que era ele. Ah! Uhum. O Ricardo é seu amigo? Um amigo meu. Uhum. Ele me deu o número dele. Então, como eu não tenho celular, eu marco no papel, tava na minha bolsa.

Aí ele falou pra mim, que a mãe ligou pra ele e tudo. Uhum. E aí entrou a conversa com a sua mãe? Aí, aí nisso, aí eu falei pra minha mãe, mãe, você tá afim do Juninho? Eu, não, pode ficar em paz.

Pode ficar tranquila, eu tô afim do Juninho. Não, Selita. Não sei o quê.

Aí um dia eu tava com o Alex lá na casa que a noia morava, eu liguei. Aí eu comecei a falar um monte pra ela, o Chapada. Ela falou, Selita, também você quer os dois? Você quer o Alex? Você

quer o Juninho? Eu falei, não, não é com os dois.

O Juninho é o porto seguro da minha vida. Aí, enfim, na próxima semana eu já sabia que ele tava aqui. Uhum.

E aí ele parou de te bancar também? Ele parou de falar? Parou de tudo. Na minha conversa. Na minha conversa.

Uhum. E aí, e aí como... Você acabou... Ah, no começo foi meio difícil, porque ela não me fazia graça pra mim. Ela fazia graça aqui dentro.

Uhum. Agora hoje que se explode, não tô nem aí. Era mais que o circo pega fogo.

Não tô nem aí. Mas você viu, ficou chateada. Uhum.

Ficou muito. Uhum. Incrível, né? Por isso eu não esperava, né? Vim dormir com a minha mãe, 16 anos, sabe? 16 anos, né? 16 anos, né? 16 dias.

A minha mãe sabia, minha irmã, minha avó, minha filha. Minha filha era pequenininha, minha filha já ligava na orelha, o número dele. Eu já sabia disso de cabeça.

E aí, depois disso, você teve mais namorados? Pega, né? Agora você tá com... Agora, por exemplo... Tá na parada, nas pistas pra conquistar por aí. Não, mas o... O Russo acha que tá namorando ele, né? O Russo? Ah, o Russo que eu gosto. O único que eu gosto, assim, é o Russo.

Mas ele tá internado. Uhum. E aí você vai visitar ele? Ah, eu vou.

Quando ele visitar, eu vou. Uhum. Quando pode, eu vou.

Agora tá o Alex saindo da cadeia. Não sei se ele vai me matar, me executar, me torturar.

Porque ele tá preso de Maria da Penha, sabe? Essas coisas.

E já tem um ano e meio que ele tá preso. E vai ter saídinha agora. Em dezembro.

Vai pegar saída temporária. E ele já saiu de saídinha outra vez e veio atrás de você ou não? Ah, ele... Ele já te procurou depois que foi preso? Alguma coisa assim? É, eu ajudava ele. Mas depois ele... Ah, eu acho que ele ficou sabendo do Russo.

Ele já... Ele já não escreveu mais. E quando ele tava preso, que ele foi na Maria da Penha, com 15 dias, foi a audiência conseguir tirar ele. Uhum.

Foi que ele não trazia risco pra mim, nada. Aí ele saiu, ficou acho que uns quatro dias. No quinto dia, eu fiquei com a alma toda em casa.

Passou fio no meu pescoço. Me enforcou. Imagina agora... Não sei, ele na rua.

Quinze dias. Imagina agora um ano e meio. E ele sabe que eu não enxergo na rua, em qualquer lugar, sei lá.

E o mesmo lugar que o namorado, né? Que ela tá ficando, né? Que ele acha que é namorado, né? Uhum. Que é o Russo, que ele gosta dela. Tá internado? O irmão desse Alex tá também.

Então quer dizer, ele vai ficar sabendo que a Celice tá indo lá visitar? Uhum. A mãe do Alex viu o irmão dele. Esse Russo... Eu dormi numa casa vazia que eu levei um amigo meu pra ficar de companhia.

Aí o cara fômu pedra com o louco, foi embora e me deixou lá. Tá, vai lá e deixou aqui. Tô lá dormindo numa casa vazia.

Chegou Russo com uma sacola com dez mil reais. Ele me deu. Por que isso, Russo? A herança da minha mãe.

Essa aqui é sua. Tô te dando dez mil reais. Nossa, eu não sabia onde eu soltava mais dinheiro.

Uhum. Saí correndo. Fui lá pra minha irmã, lá pra Andranha.

Pra minha mãe operar, né? Vim aqui dedicar a minha mãe. Deu setecentos reais pra mim fazer a cirurgia. Oh! E os dezoito mil dele, nós gastamos tudo.

Tudo junto. Meu café da manhã era espetinho, energético, dava um tiro e ia tomar banho. O dia inteiro.

Hoje, como que tá seus vícios? Você ainda usa? Como que tá? O quê? É droga? Álcool? Não, só uso. No fim de semana, quando eu saio pra rua. Quando eu saio pra rua, eu bebo cheiro.

Quando eu quero. Bebo cheiro. Só.

Bebo cerveja e bebo corote. Só. Não bebo mais outras coisas assim.

Mas esse moço que você põe num hotel, ele usa droga? Uhum. Ah, mas tem, né? Ele tem vagão.

É, mas ele é de boa. Tem a casa dele. Teve até uma televisão que ele compra, assim, ó, gigante. Tava na parede inteira.

Pra ir baizinho. Mas ele é casado? Não, solteiro. Faz quantos anos que você ficou cega assim?

Sete anos que ele me vejo no espelho.

Sete anos? Uhum. Ele me vejo. Antes, ele tinha... Hoje, você tá com quantos anos? Trinta e sete.

Dia nove é meu aniversário. Oh! Parabéns! Já falei pra todo mundo, ó. Tu já comprou presente da sua irmã? É, já nada. Fiquei dormindo.

Já. Eu dei a cama dela, as roupas de cama, tudo. Tudo novinho.

Ela dormia no chão. Eu não achei de gosto. Minha mãe comprou essa cama aqui, pagou cinco mil.

Novinha, tá vendo? Tudo novo. Esse negócio é novo. O box é novo.

Aquilo é novo. A minha avó também dorme na cama. E ela dormia... no chão.

E com dor na física, eu falei, não, vai ter uma cama. eu falei, não, E ela dormia no chão. Ela comprou a cama, comprei a roupa de cama, e agora ela dorme na cama.

Agora eu dormo na cama. É ruim no chão também, viu? Acho que eu tô acostumada com ruim.

Você já ficou na rua, amor? Morou na rua? Não, não, não.

Eu tô no casarão, eu morei três anos ali no casarão. Sabe o casarão ali perto da galinha? Uhum.

Só ali fiquei três anos.

Do lado da minha avó, na Rua Itália, fiquei mais três. Na calçada, tem uma calçada que nós chamamos de Sempre Livre, porque eu estava misturada, aí eu tirava, assim, o refrigerante, assim, e jogava. Aí nós chamávamos da rua, lá perto do pronto-socorro.

A rua é sempre livre. Eu falava assim, Ru, você precisa trocar. Ele falava assim, e eu entro na frente, aí eu tirava.

Jogava. É. No refrigerante? Uhum. E aí eu cheguei na calçada, papelão.

Morei dentro da fonte de São Benedito. Morei lá dentro da fonte. E banho? Quando você tomava banho? Quando eu tomava banho? Dentro do pronto-socorro, no banheiro do pronto socorro, lá no bombeiro, em qualquer lugar do cemitério.

Sabesco? Sabesco, qualquer lugar. Lugar que dava? É. Lavava roupa dentro do cemitério.

Lavava de graça.

Quando ela saiu da cadeia, ela procurou uma mulher, que ela ficou lá. A mulher foi que ia casar, ia dar uma vida boa pra ela. Mas aí ela já entrou de novo. Você gostava dela? Eu gostava da vida boa que ela tinha me dado. Ela era muito sumenta. Ela era sumenta? Uhum.

E você? Eu não. Não, porque ela era bem, sabe, ela... Ixi, ela era limpinha. Do banho do melhor, ela tinha.

Ela falava que ela ia cuidar de mim. Aí eu saí nessa ilusão, né? Aí eu fui lá, fui lá ver. Chamei um amigo meu, fui lá em Bebedouro.

Cheguei lá, conheci toda a família. Porque lá, na Alvorada, tem uma praça na Alvorada. E assim, quarta e noiteira é tudo deles, da família dele.

É um sobrado, é um bar da casa da Andréia, um terreno. Outros sobrados. Aí eu conheci todos os irmãos dela.

Fiquei lá no bar, arrumaram um lugar pra mim dormir lá. Aí eu vim no outro dia. E ela presa.

Tá presa de novo. E teve alguma experiência... diferente que você queira contar? Tipo assim... Você já foi em algum... Já fez furuba, casa de sumido? Ah, isso aí eu já fiz. Acho que é a coisa mais diferente que eu já fiz.

Ai, eu não gostei não. Fui de Paperereca. Foi mais diferente? É? Não gostou não? Não.

Não. É horrível. Ai, cara.

Olha aí, uma menina bonitinha, vinte e três anos. Que coisa mais feia que é isso. Você tá feia.

Melhor sair com três anos de Paperereca. Ai, lógico. Três de Paperereca.

Agora, ficar com três anos pra gente. Ai, lógico. De boa.

De boa. De boa, tranquilo. Boceta, que não é boceta pra mim não.

Meu Deus. Horrível. Mas na cadeia tinha que fazer, né? Não.

Mas você namorava com mulher? Mas eu era sapatão. Ah, e ela tipava você? É. Agora, essa que eu fiquei daqui de Monte Alto. Uma menina de vinte e três anos.

E ela era mulherzíssima, né? Mulher guaru. Assim, nós... Nossa, que coisa feia. Que coisa mais... Você gosta de homem, né, filha? Ah, eu gosto demais, filha.

Também gosto de vir pra me virar bundinha também. Pelo amor de Deus, hein? Mas tem que pagar muito bem. É, tem que pagar bem.

É, tá. Mas... Ai, Selita. Por que você não tá comigo? Não mora comigo.

Ai, filha. Tá louco? Gosto demais. Tem que ficar comendo coisa de homem. Sabe do Manacês? Sei. O tamanho do braço do Manacês. O cara é forte, pô.

Vira bundinha. Deixa eu baitar o homem daquele. Daquele tamanho.

O tamanho do braço do cara. A força que ele tem. Eu já fiquei com duas mulheres.

O Rossano Pereireca. Sabe com a Minda Roça? Rossano e o cara. Deu nela por trás.

E aí? Ai, não faz eu rir. Não faz. Não faz eu rir.

Ai, você é muito bom. E, ó. Sabe, tem histórias. Eu fui lá em Ribeirão, né? No centro de Ribeirão.

Lá na Brasil? Não, lá na Baixada. Ah, na Baixada. Aí elas me contaram.

Elas me contaram muito isso também, tá? Que os homens pedem pra elas comerem eles. Mas elas me contaram também umas coisas bem pesadas. Assim, pedofilia, cara.

Que chega com calcinha. Você já fez essas coisas? Já teve, cara, assim? Já, lógico. Já vendi minha calcinha sutiã pro cara.

Vendi. O cara ainda pediu pra me abotoar. Dirigir o carro ainda.

Não andava a cidade de calcinha sutiã comigo. Porque ele queria ser a mulher. Ele queria ser a mulher.

E ele queria um travesti pra comer. Ele falou, não pode ser homem. Vou arrumar algum cara.

Aí, vai. Depende da cara. Aí, não já vai ninguém.

Vai ser eu mesmo. E ele me deu muito dinheiro também. Me deu bastante dinheiro.

Aí, ele não gostou de mim. Ele queria travesti, né? Sei lá. Ele queria ser a mulher, né? Uhum.

Veio um gordão. Passei no capeta, filha. Aham.

Ele disse, você não vai olhar um feitiço de calcinha sutiã. Gordão. E você já fez o máximo, assim, de caras ao mesmo tempo? Qual foi? O máximo? Três, quatro? Esse de três? Esses três.

Foi. E aí, como que revezava? Um na boca, outro na... Assim? É. Uhum. Reveza.

Uhum. Assim. E você aguentou? Eu não aguento.

Hã? Eu não aguento. Sério? E você aguentou? Ah, ele fez horrível. Você é fodona, hein? Foi assim.

Foi assim. E lá deve ter muita história, em Ribeirão Preto, hein? Nossa. Tem.

Nossa. Mas elas contaram umas coisas mais pesadas, assim, sabe? Cara que fica pedindo pra chamar de titio, que tem fetiche na sobrinha pequena, sabe? Umas coisas assim. Sim. De pedofilia mesmo, né? É, de pedofilia. Ah, e aí, contou que já ficou com caras, assim, muito sujos. E aí, fedia muito.

Cara que pediu pra fazer xixi em cima dele. Na boca. Eu já vi mulher cagando na boca do cara também.

É. Eu já vi isso daí. Ele passou a bosta dela no corpo inteirinho, né? Aham. Eu já vi isso daí também.

Da 45, eu vi também. Fiquei de cara, mas eu vi. Nossa, fiquei de cara? Uhum.

Incrível, né? Ah, de cocô. Não. Xixi, eu não faria.

Eu acho muito nojento. Mas cocô... Aham. Muito nojento.

Eu já vi. Eu já vi uma menina fazer isso. Sim.

Aí teve uma que... Porque eu entrevistei uma que também é de luxo. Ela entrevistei pela internet, né? Porque ela não é daquela. Ela é lá de Campinas.

Uhum. E aí ela falou, assim, pra mim que... Aí os caras, é muito mais rico, né? Pagam uns absurdos, assim. Aí, olha isso.

Ela contou uma vez que o cara foi fazer uma viagem de cruzeiro com a família. E dois filhos dele e a esposa. Ele pagou pra ela ir também.

Deixou ela em outra cabine, em outro quarto. Ia lá, escapava e ficava com ela. Sim.

Eu já fiquei com o meu sogro dentro de casa. Era a minha sogra lá. Seu sogro? Uhum.

Mas o seu não é atual? É. O atual? Sim. Ah! Minha sogra dormindo. Meu marido trabalhando.

Eu fiquei na casa da minha sogra. Era um sustento. Uhum.

Meu sogro ia lá procurar eu. E eu ficava com ele. Uhum.

Sim. Eu já vi história. Que nem um rato.

A minha mãe me contou uma história. Que ele saia com um casal. Um amigo meu.

Ele lá de Campinas. Ele ficava. Ele saia com um casal.

E diz que ele e a mulher pedia pra passar vela quente no corpo dela. Assim, ó. Enforcava. Diz que ele enforcava.

Enforcava até ela desmaiar. Era o prazer dela. Aí diz que ela voltava.

Diz que ele ia pedir pra morder o seio dela até sangrar. Uhum. Ele me contava essa história. Que eles saíram um casal. E o cara assistia, né? O cara assistia tudo isso. O marido.

E tem cara que tem fetiche em ser corno, né? Ah, mas ele assistia tudo. Uhum. Você já namorou um cara que queria ficar assistindo você transar com outro? Ou não? Não.

Nunca teve? Não. Não. Porque se quisesse ia ver, idiota.

Fazia escondido, né? É, não. Era só pedir. Se liberasse.

Ai, meu Deus. Era só pedir. Se soubesse.

Não faltava um desse. Que idiota. Faltou um desse.

Faltou. Fazia escondido apoiar. Deve ter liberado.

De boa. Os caras gostam. Ficam lá assistindo.

E você faz esse... É um livro? É um livro. Por quê? Você tirou essa história de fazer esse livro? Eu faço jornalismo. Faculdade de Jornalismo.

Ah, ah. E aí, dentro da faculdade, quando a gente vai terminar a faculdade, a gente pode escolher como que a gente... A gente tem que apresentar um trabalho. E aí, a gente pode escolher como vai ser esse trabalho.

Então, tem gente que faz livro, tem gente que faz um documentário, tem gente que faz um podcast. Cada pessoa pode escolher.